MARIA ANTONIETA TATAGIBA



EDICIÓN BILINGÜE

Traducción:
ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA

Revisión:
MARIA MIRTIS CASER

editora CALÊNDULA

MARIA ANTONIETA TATAGIBA

FRAUTA AGRESTE

EDICIÓN BILINGÜE

Traduccíon:
Ester Abreu Vieira de Oliveira

Revisión:
Maria Mirtis Caser

editora CALÊNDULA

Copyright by © 2026
Maria Antonieta Tatagiba

Traduccíon:
Ester Abreu Vieira de Oliveira

Revisión:
Maria Mirtis Caser

Proyecto de edición:
Wilbett Oliveira

Preparación del texto:
Silvana M. Gomes

Diagramación electrónica:
Eros Cícero de Oliveira

Imagen de portada:
Tomada del libro original

Todos los derechos reservados.
Queda prohibida la reproducción total o parcial,
en cualquier forma o por cualquier medio electrónico o mecánico.

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T216f

Tatagiba, Maria Antonieta

Frauta agreste / Maria Antonieta Tatagiba; Tradução de Ester Abreu Vieira de Oliveira. – São Paulo: Calêndula, 2026.

Edição bilíngue: português/espanhol

126 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-83005-79-3

1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Tatagiba, Maria Antonieta. II. Oliveira, Ester Abreu Vieira de (Tradução). III. Título.

CDD 869.91

Índice para catálogo sistemático

I. Poesia : Literatura brasileira

editora CALÊNDULA
www.editoracalendula.com.br

SUMARIO

Um dizer a mais....8
Un decir a más....9
Frauta agreste....14
Frauta agreste....15
Berceuse....18
Berceuse....19
Bucólica....22
Bucólica....23
Noturno....24
Nocturno....25
A cruz da aldeia....28
La cruz del pueblo....29
Outono....30
Otoño....31
Suave amanhecer....32
Suave mañana....33
Aquarela....34
Acuarela....35
Frutidor....36
Frutidor....37
O semeador....38
El sembrador....39
Enxada....40
Azada....41
Genuflexão....42
Genuflexión....43
Tocadora de frauta....46
Tocadora de flauta....47
Falando ao sol....48
Hablando al sol....49
Quando eu sonhava o amor....52
Cuando yo soñaba el amor....53
Canção de uma tarde chuvosa....56
Canción de una tarde lluviosa....57
Ruyzinho....58
Ruycito....59

Madrugada aldeã....62
Madrugada aldeana....63
Idílio....66
Idilio....67
Sempre lustrosa....68
Siempre lustrosa....69
Cromo....70
Cromo....71
Junho....72
Junio....73
Manhã de sol....74
Mañana de sol....75
Dia nublado....76
Día nublado....77
Sol e chuva....78
Sol y lluvia....79
Ângelus....80
Ángelus....81
Lua dos tristes....82
Luna de los tristes....83
Cigarras....86
Cigarras....87
Revolta....88
Revuelta....89
Orgulho....90
Orgullo....91
Dor silente....92
Dolor silente....93
Ceticismo....94
Escepticismo....95
Exaltação de doente....96
Exaltación del enfermo....97
Balada azul....100
Balada azul....101
Miragens....102
Espejismo....103
Igreja campesina....104
Iglesia campesina....105
Agonia das rosas....106
Agonía de las rosas....107

Balada triste 108
Balada triste 109
O carro de bois 110
El carro de bueyes 111
A uma árvore 112
A un árbol 113
O ribeirão 114
El arroyo 115
À beira da mata 118
Al borde del bosque.....119
Suave cantiga.....122
Suave cántico 123

UM DIZER A MAIS

Na ocasião do lançamento da reedição "fac-simile" de e *Frauta agreste* (2025) sem atualização ortográfica, promovido pela Academia Maria Antonieta Tatagiba- Artes – História - Letras, em São Pedro de Itabapoana- Espírito Santo, Brasil, uma organização do Presidente dessa instituição, Dr. Pedro Antônio de Souza, foi cogitada uma intensificação da divulgação da poética dessa insigne escritora capixaba e que fosse com extensão para fora do país. Dada a amplitude da língua espanhola na América, pensou-se em ser levada a este idioma.

Traduzir é um sentimento de carinho e admiração para com aquele que produziu. Mas traduzir um poema é sempre um desafio e um prazer, ainda que seja para procurar levar o acesso de uma língua meta, para largar um campo semiológico de um texto original e levá-lo para outra língua, como a espanhola que é uma língua gêmea da nossa, que, por isso, reduz obstáculos. Contudo, as nuanças próprias idiossincráticas trazem questionamentos ao tradutor.

E aqui estou tentando fazer essa transversão.

Os poemas de *Frauta agreste* copiei do blog.ufes.br/neples/files/2020/09/Frau ta-agreste-de-Maria-Antonieta-Tatagiba.-Neples-set.-2020.pdf, porém conferia com a reedição "fac-simile" de 2025.

Difícil é passar uma obra poética portuguesa Simbolista /Parnasiana, com métricas exatas para outra língua, e mais ainda uma que possui variedade dos sons vocálicos, uma correspondência significativa expressiva própria do português e é uma obra escrita no final do século 20, com precisas metrificações que diferem no número de sílabas das regras da língua espanhola a que dedicamos levá-la.

Por isso optamos por tentar não igualar na quantidade métrica, mas só na tonalidade final do verso. E muitas vezes nos encontramos com dificuldade de igualar a estrutura do verso original para alcançarmos uma semelhança do original ritmo.

UN DECIR A MÁS

Cuando fue lanzada la reedición "fac-simile" de *Frauta agreste* (2025) sin actualización ortográfica, una promoción de la Academia Maria Antonieta Tatagiba - Artes - História- Letras, en São Pedro de Itabapoana- Espírito Santo, Brasil, una organización del Presidente de esa institución, Dr. Pedro Antônio de Souza, se pensó en una intensificación de la divulgación de la poética de esa insigne escritora "capixaba" y que fuese con extensión para fuera del país. Debido a la amplitud de la lengua española en América, se pensó traducirla a este idioma.

Traducir es un sentimiento de cariño y admiración para con aquel que lo hizo. Pero traducir un poema es siempre un desafío y un placer, aunque sea para procurar llevar el acceso de una lengua meta, para dejar un campo semiológico de un texto original y llevarlo a otra lengua, como la española que es una lengua gemela de la nuestra, que, es un idioma gemelo al nuestro y que por eso, reduce obstáculos, Sin embargo, los matices propios idiosincrásicas traen cuestionamientos al traductor.

Y aquí estoy intentando hacer esa transversión.

Los poemas de *Frauta agreste los* copié del blog.ufes.br/neples/files/2020/09/Frauta-agreste-de-Maria-Antonieta-Tatagiba.-Neples-set.-2020.pdf, pero los comparé con la reedición "fac-simile" de 2025.

Difícil es trasladar una obra poética portuguesa Simbolista /Parnasiana, con métricas exactas para otra lengua, y más aún una que posee variedad de los sonidos vocálicos, una correspondencia significativa expresiva propias del portugués y es una obra escrita en el final del siglo 20, con precisas metrificaciones que difieren en el número de sílabas de las reglas de la lengua española a que dedicamos llevarla.

Por eso optamos por intentar no ajustarla en la cantidad métrica, sino en la tonalidad final del verso. Y muchas veces tuvimos dificultad de ajustar la estructura del verso original para obtener una semejanza del original ritmo.

A escritora Maria Antonieta Tatagiba, filha de Maria Rita de Castro e de Artur Antunes Siqueira, nasceu em 17 de setembro, na Fazenda União, São Pedro do Itabapoama, Mimoso do Sul, ES, em 1895, e faleceu em 13 de março de 1928, no distrito em que nasceu.

Antonieta era colaboradora de jornais e de revistas capixabas e de Campos (RJ). Foi professora, diretora de escola e assumiu, por quase um ano, a direção do jornal São-Pedrense, do qual o seu marido era colaborador, dedicando-se intensamente à produção literária.

Com a publicação de *Frauta agreste*, em 1927, um ano antes de ser vitimada pela tuberculose tornou-se a primeira poeta capixaba a publicar um livro. A importância literária de Maria Antonieta Tatagiba vem sendo destacada após a sua morte no caminho da imortalidade. Além de patrona da Cadeira 02 da Academia Feminina Espírito-santense de Letras é, ainda, a Patrona da Cadeira 32, da Academia Espírito-santense de Letras. Também, seu nome consta, por decreto municipal, no nome de uma rua no bairro de Jucutuquara, Vitória, ES, e do Clube Recreativo de Leitura do Grupo Escolar "Padre Anchieta". Acrescida sua fama, o dia 13 de março, dia de sua morte, por decreto Estadual, é considerado o Dia Estadual da Poetisa Capixaba.

Antonieta foi uma remanescente lutadora do direito da mulher. Em entrevista à revista "Vida Capixaba", em 1925, a poeta aborda a sua visão sobre as percepções tradicionais para as mulheres:

> A mulher é um manancial de nossa felicidade, é uma criatura quase divina, que não deve viver a não ser no ambiente puro da família, é um anjo, é uma deusa, é o sol de nossa vida. Tudo isso seria muito belo, agradaria à fantasia, entusiasmaria as almas sentimentais, mas não melhoraria a situação da mulher na sociedade.

E mais disse: "Deixem que as mulheres lutem e trabalhem, nem todas se casam, nem todas possuem um lar, nem todas se acham ao abrigo das necessidades, a essas que provem a

La escritora Maria Antonieta Tatagiba, hija de Maria Rita de Castro y de Artur Antunes Siqueira, nació en el 17 de septiembre, en la Fazenda União, São Pedro do Itabapoama, Mimoso do Sul, ES, en 1895, y falleció en el 13 de marzo de 1928, en el pueblo en donde nació.

Antonieta era colaboradora de periódicos y de revistas capixabas y de Campos (RJ). Fue profesora, directora de escuela y ocupó, por casi un año, la dirección del periódico São-Pedrense, del cual su marido era colaborador, dedicándose intensamente a la producción literaria.

Con la publicación de *Frauta agreste*, en 1927, un año antes de ser victimada por la tuberculosis se consagró la primera poeta "capixaba" a publicar un libro. La importancia literaria de Maria Antonieta Tatagiba ha se destacado, después su muerte, hacia la inmortalidad y así pasó a ser la patrona de la Silla 02 de la Academia Feminina Espírito-santense de Letras y es, aún la Patrona de la Silla 32, de la Academia Espírito-santense de Letras. Además, su nombre figura, por decreto municipal, en una callecita del barrio de Jucutuquara, Vitória, ES, y del "Clube Recreativo de Leitura do Grupo Escolar"Padre Anchieta". Ensanchada su fama, el día 13 de marzo, día de su fallecimiento, por decreto Estadual, es considerado el Día Estadual de la Poetisa Capixaba.

Antonieta fue una remaneciente luchadora del derecho de la mujer. En entrevista a la revista "Vida Capixaba", en 1925, la poeta expone su visión sobre las percepciones tradicionales para las mujeres:

> La mujer es un manantial de nuestra felicidad es una creatura casi divina, que no debe vivir a não ser en el ambiente puro de la familia, es un ángel, es una diosa, es el sol de nuestra vida. Todo eso sería muy lindo, agradaría a la fantasía, entusiasmaría a las almas sentimentales, pero no mejoraría la situación de la mujer en la sociedad.

Y más dijo: "Dejen que las mujeres luchen y trabajen, ni todas se casan, ni todas poseen un hogar, ni todas se encuentran al abrigo de las necesidades, a esas que se ganan

subsistência com o labor das próprias mãos, o nosso carinho e o nosso respeito, porque enobrecem, exaltam as virtudes e elevam a dignidade."

Em *Frauta Agreste,* livro de Maria Antonieta Tatagiba, que obteve a primeira edição em 1927, podemos sentir o amor da autora pela natureza de seu rincão natalino e a presença de poetas brasileiros, famosos da primeira metade do século XIX.

Sentimos, ao ler os poemas de Antonieta, sejam eles os de *Frauta Agreste*, sejam os não incluídos nessa obra, como sua poesia tem uma meditação muito íntima. Nos seus poemas há uma estrutura mística. Neles Antonieta interpreta a vida espiritual e moral de um Ser que se afirma na palavra.

Estudos foram feitos sobre Antonieta Tatagiba. Vale ressaltar a dissertação de mestrado de Karina de Rezende Tavares Fleury (2008), o ensaio de Francisco Aurelio Ribeiro (2019) e o de Amanda de Jesus Cisquini e Grace Alves da Paixão: "Seis poema de Maria Antonieta Tatagiba: primeiros acordes da Frauta Agreste" (2023), a apresentação da versão modernizada da obra *Frauta Agreste,* elaborada pelos professores Paulo Sodré e Sérgio da Fonseca Amaral (2020) e a publicação, em 2015, de "Frauta Agreste e Outros Textos", organizada pela presidente da Acedemia Mateense de Letras, Marlusse Pestana Daher.

Fonte: Maria Antonieta Tatagiba: página de vida. *In:* blog.ufes.br/neples/files/2020/09/Frauta-agreste-de-Maria-Antonieta-Tatagiba.-Neples-set.-2020.pdf.

el sustento con la labor de las propias manos, nuestro cariño y nuestro respeto, porque ennoblecen, exaltan las virtudes y elevan la dignidad."

En *Frauta Agreste,* libro de Maria Antonieta Tatagiba, que obtuvo la primera edición en 1927, podemos sentir el amor de la autora por la naturaleza de su patria chica y la presencia de poetas brasileños, famosos de la primera mitad del siglo XIX.

Sentimos, al leer los poemas de Antonieta, sean ellos los de *Frauta Agreste*, sean los no contenidos en esa obra, como su poesía tiene una meditación muy íntima. En sus poemas hay una estructura mística. En ellos Antonieta interpreta la vida espiritual y moral de un Ser que se afirma en la palabra.

Ya se hicieron estudios sobre Antonieta Tatagiba, tales como la disertación de maestría de Karina de Rezende Tavares Fleury (2008), el ensayo de Francisco Aurelio Ribeiro (2019) y el de Amanda de Jesus Cisquini e Grace Alves da Paixão: "Seis poema de Maria Antonieta Tatagiba: primeiros acordes da *Frauta Agreste*" (2023), la presentación de la versión modernizada de la obra *Frauta Agreste,* elaborada por los profesores Paulo Sodré y Sérgio da Fonseca Amaral (2020) y la publicación, en 2015, de "Frauta Agreste e Outros Textos", organizada por la presidente de la Academia Mateense de Letras, Marlusse Pestana Daher.

Fuente: Maria Antonieta Tatagiba: página de vida blog. *In:* blog.ufes.br/neples/files/020/09/Frauta-agreste-de-Maria-Antonieta-Tatagiba.-Neples-set.-2020.pdf.

FRAUTA AGRESTE

Este sítio risonho entre montes abertos
É a seara de Booz, onde a miséria humana
Não entristece o olhar que vê o céu de perto,

Lindo e azul qual preciosa e antiga porcelana,
Quando raia a manhã cheirosa, pura e fria
E áureo guerreiro, o sol do seu carro espadana

Setas de ouro e de luz por sobre a ramaria,
Sobre as casas se abrindo através dos pomares,
Num bulício de vida e de sã alegria...

Que ledo é o fumo azul que sobe destes lares
Para o alto a se juntar aos tufos da neblina
Nas serras, de onde vem, embalsamando os ares,

Um aroma de jasmim – a essência agreste e fina
Dos verdes laranjais se abrindo ao longe, em flor...
Canta a voz de cristal do sino na colina.

Lembrando ao já desperto e ativo lavrador
Que a terra fértil, boa, espera o grão nas leiras
Para o tornar em pão, regada de suor.

Há duetos de sabiás à tarde, nas balceiras
Para embalar o sol que atrás da serra expira
Golfando sangue sobre as cristas das pedreiras.

Rósea, a sempre-lustrosa os seus festões atira
Pelas sebes da estrada e a esmo pelos campos,
Onde passam cantando águas cor de safira...

FRAUTA AGRESTE

Este lugar sonriente entre montes llanos
Es mies de Booz, donde la desdicha humana
No entristece el mirar que ve el cielo cercano.

Bello y azul como preciosa y porcelana añeja,
Cuando surge la mañana oliente, pura y fría
Y áureo guerrero, el sol de su carro chispea

Flechas de oro y luz sobre el enramado
Sobre las casas abriéndose a través de los huertos,
En un bullicio de vida y de sano agrado…

Qué alegre es el humo azul que sube de estos hogares
Para juntarse en lo alto con los bultos de neblina
En las sierras, de donde viene, embalsamando los aires,

Un aroma de jazmín - la esencia silvestre y fina
De los verdes naranjales que se abren a lo lejos, en flor...
Canta la voz de cristal de la campana en la colina.

Recordando al ya despierto y activo labrador
Que la tierra fértil, buena, espera el grano en los viveros
Para convertirlo en pan, regado de sudor.

Hay duetos de zorzales por la tarde, en las praderas
Para mecer el sol que detrás de la sierra expira
Vomitando sangre sobre las crestas de las canteras.

Rosada, la siempre-lustrosa sus festones tira
Por los setos del camino y al azar por los campos,
Donde pasan cantando aguas color de zafiro...

São os dias aqui sempre azuis... Pomos lampos
Coroam na ramada o labor da charrua...
São as noites de paz, cheias de pirilampos...

E como é sugestiva e poética esta lua
Serrana, quando mostra entre o crivo da mata,
Num desmaio de amor a face casta e nua...

Sobre a aldeia adormida – oh! Magia tão grata
À alma que sonha – entorna o seu clarão incerto
Aluminando o enlevo azul da serenata...

Aqui neste rincão de verduras coberto
Entre montes tafues que beijam o infinito
E onde se julga ver o claro céu de perto.

É que os dias eu passo em sossego bendito,
Tocando a minha frauta e ouvindo a singeleza
Do seu som se casar, das aves ao spartito,
No seio acolhedor da bela Natureza!

Son los días siempre azules… Frutas no de la estación
Coronan en la ramada el labor del arado...
Llenas de luciérnagas, las noches de paz son...

Y cómo es sugestiva y poética esta luna
Serrana, cuando muestra entre el tamiz de la mata,
En un desmayo de amor, la faz casta y desnuda...

Sobre la aldea dormida – ¡oh! Magia tan grata
a la alma que sueña – derrama su claror incierto
Alumbrando el embeleso azul de la serenata...

Aquí en este rincón de verduras tapado
entre montes majestuosos que besan el infinito
y donde se cree ver de cerca el cielo despejado.

Es que los días los paso en sosiego bendito,
Tocando mi flauta y escuchando la sencillez
De su sonido unirse, de las aves al spartito,
En el seno acogedor de la bella Naturaleza!.

BERCEUSE

Leve melodia... pluma
De som nas asas do vento,
Dentro da tarde de bruma
Me adormece o pensamento.

Leve, leve cantilena,
Voz de prece, de ternura,
É aquela que minha avena
Entre as folhagens murmura...

Não é mais brando, por certo
O murmúrio da brisa,
Que sobre o lírio entreaberto
Num leve beijo desliza...

Música suave, dormente
Como a canção da água viva,
Vem de uma clara corrente
Que do coração deriva...

E como o regato ledo
Que rolando com desleixo,
Vai contando o seu segredo
Ora a um arbusto, ora a um seixo

Boiando vão lindas flores
Ao lume da fonte calma:
Tristezas, sonhos, amores,
Que vicejam na minha alma.

Misteriosa harmonia
Tem esta frauta louçã...
Nela gorjeia a alegria
Da alma olímpica de Pan...

BERCEUSE

Leve melodía... pluma
De sonido en las alas del viento,
Dentro de la tarde de bruma
Me adormece el pensamiento.

Leve, leve cantillo,
Voz de rezo, de ternura,
Es aquella que mi caramillo
Entre las ramas murmura...

No es más blando, por cierto
El murmurio de la brisa,
Que sobre el lirio entreabierto
En un leve beso desliza...

Música suave, durmiente
Como la canción del agua viva,
Viene de una clara corriente
Que del corazón deriva...

Y como el regato ledo
Que rodando con desgana,
Va contando su secreto
Sea a un arbusto, sea a un canto

Flotando van lindas flores
A la lumbre de la fuente calma:
Tristezas, sueños, amores,
Que viven en mi alma.

Misteriosa harmonía
Tiene esta flauta lozana…
Donde gorjea la alegría
Del alma olímpica de Pan...

Canta romanzas de outono
Que a gente percebe, além,
Nas horas doces de sono,
Sem saber de onde é que vêm...

Choro dos ramos que o açoite
Do vento fere, sem tino,
Quando os cabelos da noite,
Doura o luar opalino...

E ouvindo a frauta maviosa
Nesta paisagem tristonha,
Meu ser não sofre nem goza
Mas placidamente sonha...

E vou cantando baixinho,
Para mim mesma esquecida,
Sem notar que este caminho
Me conduz ao fim da Vida...

Leve melodia... pluma
De som nas asas do vento,
Dentro da tarde de bruma,
Embala-me o pensamento.

É que na paz destes montes
Ouço a tua cantilena,
Que lembra o choro das fontes
Ó meu Sonho – minha avena!

Canta romanzas de otoño
Que la gente percibe, más allá,
En las horas dulces de sueño,
Sin saber de dónde vendrá...

Lloro de las ramas que o azote
Del viento hiere, sin tino,
Cuando los cabellos de la noche,
Dora el lunar opalino...

Y oyendo la flauta melodiosa
En este paisaje doliente,
Mi ser no sufre ni goza
Pero placidamente sueña...

Y voy cantando bajito,
Para mis adentros encogida,
Sin notar que este camino
Me conduce al fin de la Vida...

Leve melodía... pluma
De sonido en las alas del viento,
Dentro de la tarde de bruma,
Mece mis pensamientos.

Es que en la paz de estos montes
Oigo tu cantilena,
Que recuerda el llanto de las fuentes
¡Oh! ¡Mi Sueño – mi avena!

BUCÓLICA

No regaço macio da montanha
Envolvida no crepe
Da bruma, que é uma renda da Bretanha,
Tem o povoado a graça de um presepe.

Pelas encostas, entre as plumas do arvoredo,
Sobe a casaria...
Dos telhados o fumo foge ledo,
A vida canta de alegria...

Ao redor tudo é verde, viçoso,
Os montes, as lavouras, as pastagens,
O matagal que a farfalhar de gozo,
Agita a ventarola das folhagens

O céu é de uma cor fugidia, indistinta,
Que a paleta não traduz,
Uma cor que não é tinta,
Um azul feito de luz...

Riscam as serras, ao fundo, os cafezais...
Aos pés do povoado, em torno dum moinho
Que não trabalha mais.
Há lírios debruçados no caminho...

E vê-se, ao longe, o ribeirão rolando
Entre ervaçais, a par da larga estrada,
Onde trovas de amor passa cantando
O tropeiro, ao raiar da madrugada!

BUCÓLICA

En el suave regazo de la montaña
Envuelta en el crepe
De la bruma, que es un encaje de Bretaña,
Tiene el poblado el encanto de un pesebre.

Por las pendientes, entre las plumas del arbolado,
Sube el caserío...
El humo huye contento de los tejados,
La vida canta de alegría...

Alrededor todo es verde, frondoso
Los montes, las labranzas, el herbaje,
El matorral que el bullicio de gozo,
Agita el abanico del ramaje.

El cielo es de una nuance fugaz, indistinta,
Que la paleta no traduce,
Un color que no es tinta,
Un azul hecho de luz...

Rayan las montañas, al fundo, el cafetal...
A los pies del poblado, alrededor de un molino
Que ya no es funcional
Hay lirios asomados en el camino...

¡Y se ve a lo lejos, el arroyo rodando
Entre pastos, cerca de la ancha estrada
Donde trovas de amor pasa cantando
El arriero cuando despierta la alborada!

NOTURNO

Escurece. No ar frio se desata
Dos astros o rosário cintilante,
Sobre a montanha – a lua, flor de prata
Da noite, surge linda, neste instante.

Da ara da terra erguida mansamente
Vai para o céu subindo devagar,
Como incensário de ouro, refulgente
De onde escorre o alvo fumo do luar.

Na poeira da luz nívea e gelada
Dormem as árvores... E os lírios brancos
Pelas moitas, beirando a argêntea estrada
Perfumam o abandono dos barrancos.

O haxixe azul do Sonho me tonteia...
Que noite linda!... E rememoro, calma,
Sob o amavio desta lua cheia,
Outras noites que vivem na minha alma!

Minha saudade se abre para vê-las
De novo, assim tão álgidas e quietas,
Povoadas das quimeras, das estrelas,
De que anda cheia a vida dos poetas.

Recordo-me de tudo: a rósea sala,
O nosso idílio cálido de outrora
Sob este mesmo luar, puro, de opala,
Que dorme e sonha na amplitude agora.

Era no inverno e a rútila centelha
Da paixão estuava.... Frio e ardor...
Doce era o frio e nessa flor vermelha
Que é tua boca ainda mais doce o amor!

NOCTURNO

Oscurece. En el aire frío se desata
De los astros el rosario fulgurante,
Sobre la montaña – la luna, flor de plata
De la noche, surge linda, en este instante.

Del altar de la tierra erguida mansamente
Va para el cielo subiendo despacito.
Como incensario de oro, refulgente
De donde de la luna escurre el humo clarito

En la polvareda de la luz nívea y helada
Duermen los árboles... Y los lirios blancos
Por los matorrales, bordeando la senda plateada
Perfuman el abandono de los barrancos.

El hachís azul del Sueño me enajena...
¡Qué noche linda!... E rememoro, calma,
Bajo el hechizo de esta luna llena,
Otras noches que viven en mi alma!

Mi añoranza se abre para verlas
De nuevo, así tan heladas y quietas,
Pobladas de las quimeras, de las estrellas,
De que está llena la vida de los poetas.

Me recuerdo todo: el salón lucieente,
Nuestra relación añeja ardorosa
Bajo esta misma luz de la luna, pura, opalescente,
Que duerme y sueña en la amplitud ahora.

Era en inverno y la rutilante centella
De la pasión vertía.... Frío y ardor...
Dulce era el frío y en esa flor bermeja
Que es tu boca aún ¡más dulce el amor!

Tinhas fogo nas veias e tremias...
Queimavam dos teus olhos os lampejos...
Que delícia naquelas noites frias,
Teu carinho e a quentura dos teus beijos!

O haxixe azul do Sonho me tonteia...
Que noite linda! ... E rememoro, calma,
Sob o amavio desta lua cheia,
Outras noites que vivem na minha alma!

Tenías fuego en las venas y tremías...
Ardían de tus ojos los centelleos...
¡Qué delicia en aquellas noches frías,
Tu cariño y el calor de de tus besos!

El hachís azul del Sueño me enajena…
¡Qué noche linda! ... Y recuerdo, calma,
Bajo el hechizo de esta luna llena,
Otras noches que viven en mi alma!

A CRUZ DA ALDEIA

Vejo o seu vulto solitário e esguio,
Recortado no azul destes céus baços...
Beija-o a lua, num beijo triste e frio,
Que escorre como um pranto de seus braços...

Plantaram-na ali, árvore de amor,
Em meio ao povoado, junto à ermida,
E ela promete um lenitivo à Dor
Que vai qual uma sombra atrás da Vida.

Chamando a si, a alma do Bem transviada,
Atalaia da crença, ergue-se à luz...
E como um bálsamo extravasa em cada
Aflição a piedade de Jesus.

Quando rompe a manhã, cerradas portas,
Brilham longos rosários de rainhas,
- Pranto que a noite chora em horas mortas,
Sobre os seus braços – pouso de andorinhas.

Vejo-a... assim negra e merencória, pelas
Cruas noites de inverno e de tristeza,
Sob o céu limpo do oiro das estrelas,
Com esse ar de quem sonha, de quem reza...

Que é que pedes, ó cruz, nessa oração?
Que Deus proteja a pequenina aldeia?
Que jamais a uma boca falte o pão,
Que sobeje a ventura que escasseia?

Reza a tua doce e muda prece:
Há de brilhar ao sol a loura seara,
Ao redor haverá mais farta messe,
E em cada lar uma risada clara.

LA CRUZ DEL PUEBLO

Veo su dibujo solitario y extendido,
Recortado en el azul de estos cielos bazos
Le besa la luna, en un beso triste y frío,
Que desliza como un llanto de sus brazos...

La plantaran allí, árbol de amor,
En medio al pueblo, cerca de la ermita,
Y ella promete un lenitivo al Dolor
Que va como una sombra detrás de la Vida.

Llamando a sí, el alma del Bien extraviada,
Vigía de la creencia, se irgue a la luz...
Y como un bálsamo extravasa en cada
Aflicción la piedad de Jesús.

Cuando rompe la mañana, cerradas puertas,
Brillan largos rosarios de reinas,
- Llanto que la noche llora en horas muertas,
Sobre sus brazos – poso de golondrinas.

La veo... así negra y melancólica, por las
Crudas noches de invierno y de tristeza,
Bajo el cielo limpio del oro de las estrellas,
Con ese aire de quien sueña, de quien reza...

¿Qué es que pides, ó cruz, en esa oración?
¿Qué Dios proteja la pequeñita aldea?
¿Qué jamás a una boca le falte la colación
Qué abunde la ventura que escasea?

Reza tu dulce y mudas preces:
Hay de brillar al sol la siega amarilla
Alrededor habrá más pródigas mieses,
Y en cada hogar una viva risadilla

Ó cruz, cheia de bem-aventurança,
Irmã das que no Campo-Santo, em alas,
Choram pelos mortos sem lembrança,
O orvalho feito lágrimas de opalas.

Eu te amo e em ti bendigo o vulto santo
Da que no meu jazigo há de se erguer:
- De seus braços, talvez, o único pranto,
Corra, a chorar por mim, quando eu morrer!

* * *

OUTONO

Eis o outono que chega. As frondes arrepiam
Uma ligeira brisa e o arvoredo oscilando
Expande-se ao calor suave de um sol mais brando,
Numa revelação de incontida alegria.

A natureza toda é frescor, louçania...
Um quebranto de luz e cor tudo adoçando...
Uma orquestra triunfal vibra de quando em quando:
É a música do espaço em um duo de harmonia

Com a música da relva...
Esvoaça o enxame louro
Das abelhas, buscando a doçura do mel
Dum pomo ou duma flor, nos ramos do vergel.

E a alma verde da terra exuberante e flórea,
Ramalha de prazer na renovada glória,
Duma germinação farta de frutos de ouro.

¡Oh cruz, llena de bienaventuranza,
Hermana de las que en el Campo Santo, en línea,
Lloran por los muertos sin remembranza,
El rocío hecho lágrimas opalinas.
Te amo y en ti bendigo el vulto santo
De aquella que en mi sepultura hay de se alzar:
- De sus brazos, tal vez, el único llanto,
Cuando yo muera corra por mí a llorar!

* * *

OTOÑO

Ya llega el otoño. Las ramas erizan
Una suave brisa y los árboles oscilando
Al suave calor de un sol más tierno se expande,
En una revelación de exuberante alegría.

La naturaleza toda es frescor, lozanía...
Un quebranto de luz y color todo endulzando...
Una orquesta triunfal vibra de cuando en cuando:
Es la música del espacio en un dúo de armonía

Con la música de la hierba
Vuela el enjambre dorado
De las abejas, buscando la dulzura de la miel
De un fruto o de una flor, en las ramas del jardín.

Y el alma verde de la tierra exuberante y florida,
Murmura de placer en la renovada delicia,
De una germinación llena de amarillos frutos.

SUAVE AMANHECER

Esta clara manhã que a luz do sol espera
Vibra no riso fresco e azul da primavera.
Não sei, porém, que dor pungiu a noite, entanto,
Que as árvores cobriu de cristalino pranto.

Oscula a viração, num largo rumorejo,
À paisagem num longo e apaixonado beijo...
Que perfume sutil, vaga em torno de mim:
- De resedá e rosa – um cheiro de jardim!

O arvoredo ao cantar dos ledos passarinhos,
Dança um bailado verde à beira dos caminhos...
Levando o azul do céu, foge clara e ligeira
A corrente do rio e entre os vergéis se esgueira...

Os flóreos laranjais, por certo, andam noivando,
Um suspiro - uma flor rola de quando em quando...
O bambual se agita e todo caracola
Como se fosse crespa e verde ventarola...

Cogumelos em bando abrem os guarda-sóis
E entre as folhas se estende o tear dos aranhões...
Passam agora no ar, em ronda, em fervedouro,
Libélulas, zangões, borboletas cor de ouro...

Mas numa "Paul Neyron" orvalhada e vermelha,
Num beijo vai pousar uma pequena abelha.
E olhando esta manhã em cujo seio imenso
Vejo flores, zangões, ninhos, serpes, eu penso:

A Vida é bela sim, mesmo ferindo é boa,
Dá-nos compensações se acaso nos magoa...
Elevemos a Dor que às vezes nos crucia,
Do espinho brotará uma flor de poesia...

SUAVE MAÑANA

Esta clara mañana que la luz del sol espera
Vibra en la risa fresca y azul de la primavera.
Pero no sé qué dolor punzó la noche, mientras tanto,
Que cubrió los árboles de cristalino llanto.

Besa la brisa, en un amplio rumoreo,
Al paisaje en un largo y apasionado beso...
¡Qué perfume sutil, vaga en torno a mí:
- De reseda y rosa – un olor de jardín!

El arbolado al cantar de los alegres pajaritos,
Baila un bailar verde a la orilla de los caminitos...
Llevando el azul del cielo, clara y rápida huye
La corriente del arroyo y entre los vergeles se encubre…

Los floreados naranjales, por cierto, se están rondando,
Un suspiro - una flor cae de vez en cuando...
Los bambúes se agitan y todo se gira
Como si fuera crespa y verde abanico...

Setas en grupo abren los paraguas
Y entre las hojas se extienden las telarañas…
Pasan ahora en el aire, en hervidero, en ronda,
Libélulas, zánganos, mariposas color de oro...

Pero en una "Paul Neyron" rociada y bermeja,
En un beso va a posarse una pequeñita abeja.
Y mirando esta mañana en cuyo seno inmenso
Veo flores, zancones, nidos, sierpes, yo pienso:

La Vida es bella sí, mismo hiriendo es buena,
Nos da compensaciones se acaso nos apena…
Elevemos el Dolor que a veces nos martiriza
De la espina brotará una flor de poesía...

Mesmo a sofrer eu canto: a minha alma é esta rosa
Rubra que se abre à luz tão rórida e mimosa...
Da Vida o estranho mel em seu cálix risonho,
Vai haurir, como a abelha, o enlevo do meu Sonho!

* * *

AQUARELA

Primavera. Manhã azul toda bonanças
O sol doira um painel faiscante de alegria:
Frisam o claro rio auras frescas e mansas
E treme de prazer a verde ramaria...

Gorjeiam sabiás nas virentes retranças...
Para o banho se despe uma aldeã esguia
E lirial... Desata as bastas, negras tranças,
E mostra uma nudez de olímpica harmonia...

Sobre a água de cristal, vaidosa, ela se inclina:
E uma estatueta antiga - uma faiança fina,
Vê dançando, alva e nua, à flor da correnteza...

Estridula, de chofre, à beira da devesa
Um bem-te-vi... E à voz da irônica avezinha!...
De pudor faz-se rósea a linda figurinha!...

Mismo a sufrir yo canto: mi alma es esta rosa
Roja que se abre a la luz tan rociada y mimosa...
De la Vida la rara miel en su cáliz risueño,
Va a tragar, como la abeja, el embrujo de mi Sueño!

* * *

ACUARELA

Primavera. Mañana azul toda bonanzas
El sol dora un panel resplandeciente de alegría:
Rizan el claro río brisas frescas y mansas
Y tiembla de placer la verde ramita…

Gorjean zorzales en las verdes copas…
Para el baño se desnuda una aldeana llena de galladía
 Y de piel clara... Desata las gruesas, trenzas negras,
Y muestra una desnudez de olímpica armonía...

Sobre el agua de cristal, vanidosa, se inclina:
Y una estatuilla antigua - una loza fina,
Se ve bailando, blanca y desnuda, sobre el agua…

Chilla, de repente, casi a la mengua
Un benteveo… ¡Y a la voz de la irónica avecita!...
¡De pundonor se hace rósea la bella figurita!...

FRUTIDOR

Vivo sol irradia em fulgente cascata
A loura luz que inteiro o prado verde aquece.
Do outono a cornucópia avonde se desata
E no ouro da razão a veiga resplandece.

Um mágico tesouro evoca a flava messe
A brilhar através da folhagem de prata,
De pomos de topázio a flora se entretece
E um cheiro de pomar derrama a brisa grata.

De Aretusa é talvez o sonhado jardim
De fulva frutescência a cintilar assim
No brilhante verdor da viçosa ramada...

É que Pomona abriu o seio áureo da terra
Que tamanha riqueza ocultamente encerra,
Numa fecundidade opulenta e abençoada!

FRUTIDOR

Vivo sol irradia en fulgente cascada
La rubia luz que todo el prado verde enardece
Del otoño la cornucopia desbordante se desata
Yen oro de la razón el campo fosforesce.

Un mágico tesoro evoca la dorada mies
A brillar a través del follaje de plata,
De pomos de topacio la flora entreteje
Y un olor de huerto derrama la brisa grata.

De Aretusa es tal vez el soñado jardín
De rubra fructificación a centellar así
En el brillante verdor de la vistosa ramada...

¿Es que Pomona abrió el seno áureo de la tierra?
¡Qué tan grande riqueza ocultamente encierra,
En una fecundidad opulenta y bendecida!

O SEMEADOR

Em meio ao campo limpo, já roçado,
Todo banhado pelo sol nascente,
O lavrador espalha a áurea semente,
Que lhe dará o pão abençoado.

E este labor que o traz assim curvado,
Alma boa e pacífica, não sente:
Dá-lhe o céu o azul mais refulgente,
E os passarinhos o melhor trinado.

Dá-lhe a sazão um farto frutidor...
E coração ingênuo, se contenta
Tendo o seu lar cheio de paz e amor...

- Atira, atira às leiras, às mãos-cheias,
Ó Semeador, o grão que te alimenta,
E vai longe matar fomes alheias!

EL SEMBRADO

En medio al campo preparado, ya desabrochado,
Todo bañado por el sol naciente,
El labrador esparce la áurea simiente
Que le dará el pan glorificado.

Y esta labor que lo trae así encorvado,
Alma buena y pacífica, no siente:
Le da el cielo el azul más refulgente,
Y los pajaritos el mejor trinado.

Le da la época un frutero copioso...
Y el corazón ingenuo, se contenta
Teniendo su hogar lleno de paz y amor...

A los montones, lanza, lanza a las sementeras
¡Oh! ¡Sembrador, el grano que te alimenta,
Y vete lejos a saciar hambres forasteras!

ENXADA

Vejo-a nas mãos do forte lavrador
Em cujos ombros afinal descansa,
De retorno do campo, na hora mansa
Em que a tarde põe termo ao seu labor.

De dia fere o solo abrasador,
Ao sol de fogo e à chuva que o céu lança,
Para que na sazão venha a abastança
Sorrir no viço da seara em flor...

Do lavrador amiga, ouve a toada
Que aos ecos solta a sua voz magoada,
Para adoçar as mondas tão penosas...

E companheira, há de seguir-lhe os passos,
Em lhe cerrando a morte os olhos baços,
Para um leito lhe dar cheio de rosas!

AZADA

La veo en las manos de un fuerte labrador
En cuyos hombros al fin descansa,
De regreso del campo, en la hora mansa
En que la tarde pone termo a su labor.

De día hiere el suelo abrasador,
Al sol de fuego y a la lluvia que el cielo lanza,
Para que en la sazón venga la abundancia
Sonreír en el verdor de la cosecha en flor...

Del labrador amiga, escucha la melodía
Que a los ecos suelta su voz que afligía,
Para endulzar las mondas tan difícultosas...

¡Y compañera, hay de seguirle los pasos,
Al cerrarle la muerte los ojos garzos,
Para darle un lecho lleno de rosas!

GENUFLEXÃO

Deste-me, ó Deus, a inexcedível graça,
De crer. A terra toda tresvaria...
E a Fé é a gema rútila, sem jaça,
Entre o luzir de falsa pedraria...

Lembra o Mar morto a sedução do mundo:
A linfa cristalina, cor de jade,
Oculta a vasa pútrida do fundo...
Crer, é um pouco de felicidade...

Sentir alma de ateu, alma de treva,
Que não desvenda, além, a perfeição...
E ver que a Dor em nossa carne ceva
A horrível fome de vampiro, em vão....

Sofrer vendo estrelada a esfera clara,
A terra toda em flor, como um rosal...
E a vida que nos enche o ser, tão cara!
Não ser nada na vida universal!

Crer que este eflúvio que a matéria tem
Morra na cova, de infalível forma,
E que do morto nada reste além,
Da podridão que em seiva se transforma

Para nutrir a terra... E ver que os anos
Passam e onde esse prazer perfeito?
Ah! E a ventura feita só de enganos
E esse "não ser" fatal do último leito?

Não sentes, infeliz materialista,
Que é tua alma o teu maior carrasco?
Eu creio!... Sim, eu creio!
E quando a vista Levanto ao céu forrado de damasco,

GENUFLEXIÓN

Tú me diste, oh Dios, la inconmensurable gracia,
De creer. La tierra toda desvaría
Y la Fe es la gema fulgurante, sin tacha,
Entre el lucir de falsa pedrería...

Recuerda el Mar muerto la seducción del mundo:
La linfa cristalina, color de jade,
Oculta al fango pútrido del residuo…
Creer, es un poco de felicidad...

Sentir alma de ateo, alma de tinieblas,
Que no descubre, el más allá, la perfección...
Y ver que el Dolor en nuestra carne ceba
El horrible hambre de vampiro, sin razón....

Sufrir viendo estrellada la esfera clara,
Toda la tierra en flor, como un rosal...
Y la vida que nos llena el ser, ¡tan cara!
¡No ser nada en la vida universal!

Creer que este efluvio que tiene la materia
Muera en la tumba, de infalible forma,
Ya que nada quede más allá de la materia
De la podredumbre que en savia se transforma

Para nutrir la tierra... Y ver que los años
Pasan ¿y dónde está ese placer perfecto?
¡Ah! ¿Y la ventura sólo hecha de engaños
Y ese "no ser" fatal del último lecho?

No sientes, infeliz materialista,
¿Qué es tu alma tu mayor verdugo?
¡Yo creo!... ¡Sí, yo creo!
Y cuando Alzo la vista al cielo forrado de damasco,

Pressinto, Deus, o teu fulgor...
Em tudo: Nas selvas onde há flores e há espinhos,
Onde há serpes na relva de veludo
E cantam as aves com amor nos ninhos.

No majestoso mar, na linda aurora
Cheia do ouro do sol, na noite cheia
Do alvor do luar... em tudo isso elabora
Tua mão... ela tudo aformoseia...

E quanta maravilha oculta, accesa
Pelo universo, além do nosso olhar!
E em tudo fulge essa eternal Beleza
De que és o centro – a fonte luminar!

Deus! Creio em ti e na minha alma creio,
Por ti sofro sorrindo, acho bendito
O sofrimento que me punge o seio...
A Dor é um degrau para o infinito...

É o cadinho onde adquire intenso
Brilho o ouro da alma... E sou feliz, Senhor,
Porque meu ser se eleva como o incenso
À tua Luz, numa oblação de amor!

Presiento, Dios, tu fulgor...
En todo: En las selvas donde hay flores y hay espinas,
Donde hay sierpes en el césped de terciopelo
Y las aves cantan con amor en los nidos.

En el majestuoso mar, en la hermosa aurora
Llena del oro del sol, en la noche llena
Del resplandor de la luna... en todo eso elabora
Tu mano... ella todo hermosea…

¡Y cuánta maravilla oculta, ingresa
Por el universo, más allá de nuestra mirada!
Y en todo brilla esa eternal Belleza
De la que eres es el centro – la fuente alumbrada!

¡Dios! Creo en ti y en mi alma creo,
Por ti sufro sonriendo, hallo bendito
El sufrimiento que me punge el pecho...
El Dolor es un escalón para el infinito...

Es el crisol donde adquiere intenso
Brillo el oro del alma... ¡Y soy feliz, Señor,
Porque mi ser se eleva como el incienso
A tu Luz, en una oblación de amor!

TOCADORA DE FRAUTA

Tocadora de frauta, em meu caminho,
Das cidades fugi, fugi do burburinho
Onde viça a miséria e a orgia tumultua...
E a vaidade que goza sem pensar
Não vê, pisando o negro pó da rua
Que nele há de acabar...

Busquei a solidão onde o céu ledo
E garço me sorri através do arvoredo...
E canta em meu ouvido um regato cor de ouro,
O lírio nasce à toa na devesa,
E a passarada, livre, canta em coro
O amor da Natureza...

Toquei suavemente as minhas árias
Nestas plagas de sol, silentes, solitárias,
Para o bailado leve, alado, pastoril,
Que dança a ronda alegre das abelhas
Na placidez destas manhãs de abril,
Entre as dálias vermelhas...

Cantei com voz repleta de ternura
As alegrias sãs de uma existência pura,
A enxada, o beijo, a paz – Trindade sacrossanta
Que enche de luz o pobre lar discreto
Que meio torto, entre árvores, levanta
O hospitaleiro teto...

Cantei o sol, o luar branco de prata,
As montanhas azuis, a seara, a flórea mata,
O despertar da aldeia ao soar das fanfarras
Dos sinos, na luz rósea das manhãs...
- Para Deus, para mim, para as cigarras
Que são minhas irmãs...

TOCADORA DE FLAUTA

Tocadora de flauta, en mi camino,
De las ciudades del ruido huí, huí.
Donde luce la miseria y la orgía tumultúa
Y la vanidad que goza sin pensar
No ve, pisando el negro polvo de la rúa
Que en él hay de acabar...

Busqué la soledad donde el cielo alborozado
Y garzo me sonreí a través del arbolado
Y canta en mi oído un arroyo color de oro,
El lirio nace sin motivo en la dehesa
Y la pajarada, libre, canta en coro
El amor de la Naturaleza...

Toqué suavemente miss arias
En estas plagas de sol, silenciosas, desertas,
Para el baile leve, alado, pastoril,
Que baila la ronda alegre de las abejas
En la placidez de estas mañanas de abril,
Entre las dalias bermejas...

Canté con voz llena de ternura
Las alegrías sanas de una existencia pura,
La azada, el beso, la paz – Trinidad y sacrosanta
Que llene de luz el pobre hogar discreto
Que medio tuerto, entre árboles, levanta
El hospitalario techo...

Canté al sol, a la luna blanca plateada,
Las montañas azules, la cosecha, la selva adornada
El despertar del pueblo al sonar de las fanfarrias
De la campanas, en la luz rosada de las mañanas...
- Para Dios, para mí, para las cigarras
Que son mis hermanas...

E a terra deu-me frutos, deu-me flores...
E deu-me a solidão o vinho de mil cores
Do Sonho – eucaristia e vida dos poetas...
E um zagalzinho de olhos de safira –
O ramo agreste, as rosas prediletas
Que enfeitam minha lira...

* * *

FALANDO AO SOL

Ó luz, que eu tanto adoro,
Amortalha-me tu! E possa eu desfazer-me
No ar claro e sonoro!
[*Vicente de Carvalho*]

Salve! Três vezes salve! Ó pai da Natureza!
Eterno manancial da Vida e da Beleza!

Recebe neste canto a alma cheia de amor,
Que é idólatra, sol, do teu vivo esplendor.

Feliz de quem te vê, glória dos olhos meus,
Mais fulgor do que tens – pressinto só em Deus!

Teu reino é todo azul e cheio das faíscas
Das estrelas que são as tuas odaliscas.

A lua, morta, a errar pela abóbada infinda
Ao teu beijo revive e como fica linda!

Quando o teu plaustro chega e se abre a flor do dia,
A passarada canta e a terra se extasia...

Nas tardes de verão o mar quando retrata
O teu clarão parece um tesouro de prata.

Y la tierra me Dio los frutos, me Dio las flores...
Y me dio la soledad el vino de mil colores
Del Sueño – eucaristía y vida de los poetas...
Y un pastorcito de ojos de safira –
La rama agreste, las rosas predilectas
Que adornan mi lira...

* * *

HABLANDO AL SOL

¡Oh! luz, que tanto adoro,
Amortájame tú! Para que pueda deshacerme
En el aire claro y sonoro!
[*Vicente de Carvalho*]

¡Salve! ¡Tres veces salve! ¡Oh! ¡Padre de la Naturaleza!
Eterna fuente de la Vida y de la Belleza!

Recibe en este canto el alma llena de amor,
Que es idólatra, sol, de tu vivo esplendor.

¡Feliz quien te ve, gloria de los ojos míos,
Más fulgor de lo que tienes – presiento solo en Dios!

Tu reino es todo azul y lleno de las chispas
De las estrellas que son tus odaliscas.

La luna, muerta, a vagar por la bóveda infinita
A tu beso revive y ¡cómo queda bonita!

Cuando tu carro llega y se abre a flor del día,
Los pájaros cantan y la tierra se extasía...

En las tardes de verano el mar cuando retrata
Tu resplandor parece un tesoro de plata.

Lembra a terra viçosa em perpétuo festejo
Eva amorosa dando a boca para o beijo,

O seio luxuriante oferece, garrida,
Ao teu pólen de luz, germinador da Vida.

Se escura bruma envolve a tua face ardente
Minha alma se entristece e a tua ausência sente.

Quando iluminas, fulvo, as selvas aromais,
Prateados aranhões, besouros de corais,

Quando beijas a rosa aljofrada de orvalho
Que um favônio cheiroso embalança num galho.

Quando fazes brilhar maravilhosas minas
De fúlgidos metais nas fontes cristalinas.

Quando tornas o poente um rubro matadouro,
E chora à ave-maria a alma de um sino de ouro,

Ou no céu do nascente, esplêndido, te elevas...
Em tudo eu te amo, ó Sol, dominador das trevas...

Gosto do teu calor que me desenregela,
Tu me fazes sentir a Vida olente e bela,

Para a ardência do amor e a doçura do sonho,
Ó sol, a cujo brilho estes versos componho,

Possa um dia minha alma, eflúvio de luz, chama,
Fundir-se no clarão que teu fulgor derrama...

Ó astro esplendoroso, ó pai da Natureza!
Pai da alegria, fonte eterna da Beleza!

Recuerda la tierra lozana en perpetuo festejo
Eva amorosa ofreciendo la boca para el beso,

El seno lujuriante ofrece, garrida,
A tu polen de luz, germinador de la Vida.

Si oscura bruma envuelve tu faz ardiente
Mi alma se entristece y tu ausencia siente.

Cuando iluminas, fulvo, las fragantes selvas,
Plateados arácnidos, escarabajos de corales,

Cuando besas la rosa de rocío aljofarada
Que una brisa olorosa mece en una ramada.

Cuando haces brillar maravillosas minas
De fúlgidos metales en las fuentes cristalinas.

Cuando haces el poniente un matadero rojo,
Y llora a la ave-maría el alma de una campana de oro,

O en el cielo del naciente, espléndido, te elevas...
En todo te amo, ¡Oh! Sol, dominador de las tinieblas...

Me gusta tu calor que me descongela,
Tu me haces sentir la Vida olorosa y bella,

Para la ardentía del amor y la dulzura del sueño,
¡Oh! sol, a cuyo brillo estos versos empeño,

Pueda un día mi alma, efluvio de luz, llama,
Fundirse en el resplandor que tu fulgor derrama...

¡Oh! ¡Astro luminoso, ¡Oh! ¡Padre de la Naturaleza!
¡Padre de la alegría, fuente eterna de la Belleza!

QUANDO EU SONHAVA O AMOR

I

Quanta ilusão quando se sonha o Amor!
Que candor nessas almas namoradas
Que olham a vida, ingênuas, a supor
Que há só rosas ao longo das estradas...

A esperança é um fantasma enganador,
Tem a voz das sereias encantadas...
E as venturas sonhadas com fervor
Não são mais do que espumas irisadas...

Não pode dar o amor felicidade
Porque em si traz grande e cruel verdade –
A triste imperfeição do que é terreno...

Acaba... morre... mas no coração
Em que viveu, eternos ficarão
Os desenganos – seu fatal veneno...

II

Quando eu sonhava o amor e não o conhecia,
Ficava horas a fio, extática, enlevada...
Sem as aves ouvir, nem ver que a ramaria
O verde leque abria à luz do sol dourada...

Mas via um não sei quê na distância encantada,
Porque às vezes, sozinha, em silêncio, sorria:
Sorriso que lembrava uma alegre alvorada,
Quando eu sonhava o amor e não o conhecia...

CUANDO YO SOÑABA EL AMOR

I

¡Cuánta ilusión cuando el Amor se puede soñar!
Qué candor en esas almas enamoradas
Que miran la vida, ingenuas, a sospechar
Que tan solo hay rosas a lo largo de las estradas…

La esperanza es un fantasma engañador,
Tiene la voz de las sirenas encantadas...
Y las venturas soñadas con fervor
No son más de lo que espumas irisadas...

No puede dar el amor felicidad
Porque en sí trae gran y cruel verdad –
La triste imperfección de lo que es terrenal...

Acaba... muere... pero en el corazón
En el que vivió, eternos quedarán
Los desengaños – su fatal veneno...

II

Cuando soñaba el amor y no lo conocía,
Pasaba horas y horas, extática, enajenada...
Sin escuchar las aves, ni ver que abría
El ramaje el verde abanico a la luz del sol dorada...

Pero veía un no sé qué en la distancia encantada,
Porque a veces, sola en silencio, sonreía:
Sonrisa que recordaba una alegre madrugada,
Cuando soñaba el amor y no lo conocía...

Um dia ele chegou. Foi um deslumbramento
Que sobre mim passou como um clarão violento...
Depois... a solidão caiu sobre os caminhos...

O coração sangrava: eram cruéis espinhos...
O fel para matar-me a sede na jornada
E nos braços do Amor me vi crucificada!

III

Quando eu sonhava o Amor, sem o sentir, sequer,
Às vezes consultava o porvir e à maneira
De oráculo, esfolhava a corola ligeira
E olente de uma flor – criancices de mulher...

As pétalas ao chão caíam... malmequer,
Bem-me-quer... E feliz, sorria à derradeira,
Quando desfeita a flor, mostrava alvissareira
Brilhando o sol do Amor, num céu de rosicler!

Que mentiam os malmequeres bem eu vejo...
Tem um sósia o Amor – é o trêfego desejo
Em cuja chama ardente as almas se consomem...

Irmãs, não vos queimeis à luz como as falenas,
O verdadeiro Amor é infinito e apenas
É impossível caber no coração de um homem!

Un día llegó. Fue un deslumbramiento
Que sobre mí pasó como un relámpago violento...
Después... la soledad cayó sobre los caminos...

El corazón sangraba: eran crueles espinas
La hiel para matarme la sed en la jornada
Y en los brazos del Amor me veía crucificada!

III

Cuando soñaba con el Amor, sin sentirlo, siquiera,
A veces consultaba el porvenir y a la manera
De un oráculo, deshojaba la corola ligera
Y oliente de una flor – tonterías de mujer...

Los pétalos caían al suelo... margaritas,
Me quieres, no me quieres... Y feliz, por fin sonreía a la última,
Cuando deshecha la flor, mostraba buenas nuevas
Brillando el sol del Amor, en un cielo color rosa!

Que mentían las margaritas, bien lo veo...
Tiene un doble el Amor – es el inquieto deseo
En cuya llama ardiente las almas se consumen...

Hermanas, no os queméis a la luz como las mariposas,
El verdadero Amor es infinito y apenas
Es imposible que quepa en el corazón de un hombre!

CANÇÃO DE UMA TARDE CHUVOSA

A encher de aljofres o folhame quedo
Poalha a chuva... E leve, miudinha,
Soluça as mágoas como quem tem medo,
Numa linguagem que não se adivinha,
Batendo manso e manso no arvoredo.

Tac... tac... E leve, leve, bate assim...
E continhas de vidro o céu peneira...
A chuva canta como um tamborim,
A bater nas vidraças, na cimeira,
Numa cadência insípida, sem fim...

Tac... tac... Lá fora docemente soa...
Dos beirais descem fieiras de vidrilho...
O verde das folhagens açafroa,
Perdem os lírios mádidos o brilho
Dentro da gaze fina da garoa...

No plúmbeo céu nem uma nesga azul...
Fria lufada passa e a grenha ingente
Retratada nas águas do paul,
As árvores sacodem doidamente
Arrepiadas pelo vento sul.

E chove... chove... E cresce este meu mal,
Diante de tédio que a alma me fustiga,
Quando na tarde de palor mortal,
Fico a ouvir a tristíssima cantiga
Da chuva umedecendo o pinheiral...

CANCIÓN DE UNA TARDE LLUVIOSA

Llenando de rocío el follaje quedo
Polvareda la lluvia... Y ligera, chiquita,
Solloza las penas como quien tiene miedo,
En un lenguaje que no se adivina,
Golpeando suave y suave el arboledo.

Tac... tac... Y ligera, ligera, golpea así...
Y en cuentitas de vidrio el cielo tamiza...
La lluvia canta como un tamborín,
A golpear en los cristales, en la cimera,
En una cadencia insípida, sin fin...

Tac... tac... Allí afuera dulcemente suena...
De los aleros bajan hileras de abalorio...
El verde del follaje azafrana,
Pierden los lirios rociados el brillo
Dentro de la gasa fina de la llovizna...

En el plomizo cielo ni una nesga azul...
Frío soplo pasa y la espesura ingente
Retratada en las aguas del paúl,
Los árboles se sacuden locamente
Erizados por el viento sur.

Y llueve... llueve... Y crece este mi mal,
Delante de tedio que mi alma me azota,
Cuando en la tarde de palidez mortal,
Me quedo a oír la tristísima copla
De la lluvia humedeciendo el piñal...

Mas canta, chuva amiga, que o teu canto
É doce porque chora sobre os ramos...
Teu canto é de quem sofre... embala... ah! quanto
É bom, quando sofremos e choramos
Achar quem adormeça o nosso pranto!

A encher de aljofres o folhame quedo
Poalha a chuva... E leve, miudinha,
Soluça mágoas como quem tem medo,
Numa linguagem que não se adivinha,
Batendo manso e manso no arvoredo...

* * *

RUYZINHO

Maio... Ressoam no ar as harmonias
Dos bronzes e das longas litanias...
Foi em maio... há um ano que partiste...
E este mesmo sino que risonho, agora,
Tange, na tarde em que foste embora
Soava num dobre compassado e triste.

Tudo revive com o dulçor do outono...
Só tu jamais te acordas desde sono...
Há um frescor de verduras orvalhadas,
Pelos campos de um lindo verde-gaio,
O mais suave azul no céu de maio,
Lírios se abrindo à beira das estradas...

Maio voltou florindo os matagais,
Só tu partiste para nunca mais!
Quando entardece para a ermida a pino
No alto do outeiro, vejo rumorosas
Ledas crianças carregando rosas...
E vazio o teu berço pequenino...

Pero canta, lluvia amiga, que tu canto
Es dulce porque llora sobre las ramas…
Tu canto es de quien sufre... mece... ¡ah! ¡cuánto
Es bueno, cuando sufrimos y lloramos
Encontrar quien adormezca nuestro llanto!

A llenar de rocío el follaje quieto
Polvareda la lluvia... Y ligera, menudita,
Solloza penas como quien tiene miedo,
En un lenguaje que no se adivina,
Golpeando suave y suave en el arbolado...

* * *

RUYCITO

Mayo... Resuenan en el aire las armonías
De los bronces y de las largas letanías...
Fue en mayo hace un año que partiste...
Y este mismo campanario que risueño, ahora,
Toca, en la tarde en la cual te fuiste
Sonaba en un doble compás y triste.

Todo revive con la dulzura del otoño...
Sólo tú jamás despiertas de este sueño...
Hay un frescor de verduras rociadas,
Por los campos de un hermoso verde-gay ,
El más suave azul en el cielo de mayo,
Lirios abriéndose al borde de las estradas…

Mayo volvió floreciendo los matorrales,
¡Sólo tú partiste para nunca más!
Cuando atardece en dirección a la ermita erguida
En lo alto del cerro, veo rumorosas
Alegres niñas llevando rosas...
Y vacío tu cuna pequeñita...

Quanta alegria!... O sino lembra um monge
Rezando a missa nova... E tu... ai! Longe...
Tudo vibrando alegre como um guizo...
E em meio deste rir que no ar espoca
Visse eu sorrindo a flor de tua boca
Que a terra me seria um paraíso!

Maio... cantam os sinos... não despertas!
As faces brancas, de livor cobertas,
Adormeceste lindo, um rubro manto
Recamado de estrelas cor de ouro,
Um diadema no cabelo louro
Entre círios e flores qual um santo!

Não tens saudade do teu doce lar,
Quando na terra tudo anda a cantar?
Dessa existência de horas passageiras
Que tiveste? Da casa onde era um fio
De música o teu leve balbucio,
E onde os lírios te olhavam das floreiras?

De quem te acalentava com carinho,
Quando o luar descia, cor de linho,
E estrelas de ouro lá no céu de bruços,
Dormir te viam cheias de meiguice?
Daquela voz tão doce que te disse
O último adeus cortada de soluços?

Tudo revive com o dulçor do outono...
Só tu não deixas este longo sono...
Maio voltou florindo os matagais
E enquanto expira a tarde azul e pura,
De rosas cubro a tua sepultura,
Porque partiste para nunca mais!

¡Cuánta alegría!... La campana recuerda a un monje
Rezando la misa nueva... ¡Y tú... ay! Lejano...
Todo vibrando alegre como un cascabellito...
Y en medio de esta risa que en el aire explota
Viese yo sonriendo la flor de tu boca
¡Qué la tierra sería para mí un paraíso!

Mayo... cantan las campanas... ¡no despiertas!
Las mejillas blancas, de palidez cubiertas,
Te dormiste hermoso, un rojo manto
Bordado de estrellas color de oro,
Un diadema en el cabello mono
Entre cirios y flores cual un santo!

¿No extrañas tu doce hogar,
Cuando en la tierra todo está a cantar?
De esa existencia de horas pasajeras
¿Qué tuviste? ¿De la casa donde era un hilo
De música tu leve balbuceo,
Y donde los lirios te miraban de las jardineras?

¿De quién te acunaba con cariño,
Cuando la luna bajaba, color de lino,
Y estrellas de oro allá en el cielo de bruces,
Te veían dormir llenas de ternura?
¿De aquella voz que te dijo con tanta dulzura
El último adiós cortada de sollozos?

Todo revive con el dulzor de otoño...
Sólo tú no dejas este largo sueño...
Mayo volvió floreciendo los matorrales
Y mientras expira la tarde azul y pura,
De rosas cubro tu sepultura,
Porque partiste para nunca más!

MADRUGADA ALDEÃ

Sobre a montanha, divina,
Vem raiando a madrugada,
Lembra o céu que se ilumina,
Linda concha nacarada

A neblina é um véu de sonho
Que enlanguesce a natureza,
Sob esse manto tristonho
Surge ridente a devesa...

Dormem por entre o arvoredo
Em doce sossego as casas...
E o ribeirão rola a medo
As águas claras e rasas...

Começa adiante a cantar
Entre as pedras de um moinho
O mistério de um pesar
Desfeito em espumas de arminho.

Desses brejais que a luz doura
De lírios-de-águas repletos
Sobe a loa embaladora
Do ciciar dos insetos.

No bucolismo dos ares
Que doce paz!.... De repente
Das matas e dos pomares
Ergue-se um canto fremente.

Em cada fronde vivace
Chilra alegre um passarinho
É como se despertasse
A gente dentro de um ninho!

MADRUGADA ALDEANA

Sobre la montaña, divina,
Se va iluminando la madrugada,
Recuerda el cielo que se ilumina
Hermosa concha nacarada

La niebla es un velo de sueño
Que languidece la naturaleza,
Bajo ese entristecido manto
Surge la campiña sonriente...

Duermen por entre el arbolado
En dulce sosiego las casas...
El arroyo corre con cuidado
Las aguas poco profundas y claras ...

Empieza más allá a cantar
Entre las piedras de un molino
El misterio de un pesar
Deshecho en espumas de armiño.

De esos brezales que la luz dora
De lirios acuáticos llenos
Sube la loa embaladora
Del siseo de los insectos.

En el bucolismo de la aldea
¡Qué dulce paz!.... De repente
De los bosques y de la vega
Yergue un canto vehemente

En cada follaje vivaz
Gorjea alegre un pajarito
Es como se despertase
La gente dentro de un nido!

Na simfonia das aves
Que no alto vibrando está,
Destacam-se, ternos, suaves,
Os bemóis de um sabiá.

De quando em quando clangora
Um galo aqui, outro além...
Que doce perfume agora
Traz a brisa, de cecém...

Aponta o sol no azul puro
E o quadro todo reluz
Em realces de claro-escuro
Às pinceladas da luz.

Num verde fino, lavado,
Todo o campestre irradia,
E o matagal orvalhado
Tem brilhos de ouro... Eis o dia!

En la sinfonía de las aves
Que en lo alto vibrando está,
Se destacan, tiernos, suaves,
Los bemoles de un sabiá.

De cuando en cuando anuncia
Un gallo aquí, otro en otra escena
Que dulce perfume este día
Trae la brisa, de azucena...

Surge el sol en el azul puro
Y el cuadro todo reluce
En realces de claro-oscuro
A las pinceladas luce.

En un verde fino, lavado,
Todo lo campestre irradia,
Y el matorral rociado
Tiene brillos de oro... Aquí el día!

IDÍLIO

Na copa de uma acácia florescente
Que o sol no ocaso já não doura mais,
Dizem os passarinhos meigamente
Seus amores em leves madrigais.

Linda esta tarde! Adeja a travessura
Das borboletas pela selva em flor...
Festeja, ao longe, uma alegria pura
A dulcíssima frauta de um pastor.

Nuvens de prata esfiadas em frouxel
Boiam no céu azul... Brisas propícias
As rosas encarnadas do vergel,
Desfolham na subtis, ternas carícias...

E à sombra fresca e verde do arvoredo
Noivos da aldeia... Linda a namorada...
Ele ao pecado não resiste e a medo,
Beija-lhe a linda boca acerejada...

E tal a graça cândida, a meiguice,
Do idílio que ante mim se desvendou,
Que foi, como se a frente se me abrisse
Um precioso leque de Watteau!

IDILIO

En la copa de una acacia floreciente
Que el sol en el ocaso ya no dora ya.
Dicen los pajaritos cariñosamente
Sus amores en leves madrigales.

¡Linda esta tarde! Aletea la travesura
De las mariposas por el bosque en flor...
Festeja, a lo lejos, una alegría pura
La dulcísima flauta de un pastor.

Deshiladas en plumas las nubes de plata
Flotan en el cielo azul... Brisas propicias
Las rosas encarnadas del prado
Deshojan en la sutil, tiernas caricias...

Y a la sombra fresca y verde del arbolado
Novios de la aldea... Linda la enamorada...
Él al pecado no resiste y turbado,
Le besa la linda boca acerezada...

Y tal la gracia cándida, la terneza
Del idilio que ante mí se desvendó,
Que fue, como si delante de mí se abriese
Un precioso abanico de Watteau!

SEMPRE LUSTROSA

Quando de tarde sigo estes caminhos,
O meu olhar, de súbito, se alegra
Vendo ao longe na mata de noruega,
Balançar tua fronde cor de rosa,
Vagarosa
Rede de flores a embalar os ninhos...

A alma de vegetal que mora
Em ti, sempre sorri à Vida...
És a graça do campo assim vestida
Da cor que simboliza o amor,
Da mesma cor
Da alegria, dos beijos e da aurora...

Vendo-te louçania se adivinha
Em ti a realeza destas veigas...
Nos montes onde viçam simples, meigas
As boninas azuis,
Abres, altiva, ao vento, ao sol, à luz,
O teu manto florido de rainha...

SIEMPRE LUSTROSA

Cuando por la tarde sigo por estos caminos,
Mi mirar, de súbito, se alegra
Viendo a lo lejos en el bosque de noruega,
Columpiar tu follaje color de rosa,
Vagarosa
Red de flores a mecer los nidos...

El alma de vegetal que mora
En ti, siempre sonreí a la Vida...
Eres el encanto del campo así vestida
Del color que simboliza el amor,
Del mismo color
De la alegría, de los besos y de la aurora …

Al verte lozana se adivina
En ti la realeza de estas vegas
En los montes donde brotan simples, tiernas
Las campanillas azules,
Abres, altiva, al viento, al sol, a la luz,
Tu manto florido de reina...

CROMO

Desfaz-se a neblina fria
Como fiapos de lã...
O céu de azul se atavia
Rompe límpida a manhã...

Lá na igrejinha louçã
O sino canta... alegria...
Na doce vida aldeã
Começa a faina do dia....

E no alto a boêmia lua
Que a noite inteira na rua
Espiou a serenata...

No níveo lençol de prata,
Das nuvens vai se enrolar,
Para dormir e sonhar!

CROMO

Se deshace la neblina fría
Como hilos de lana...
El cielo de azul se atavía
Rompe límpida la mañana...

Allá en la iglesita lozana
La campana canta... alegría...
En la dulce vida aldeana
Empieza la faena del día....

Y en lo alto la bohemia luna
Que toda la noche en la rúa
Espió la serenata...

¡En la nívea sábana de plata,
De las nubes se va a enrollar,
Para dormir y soñar!

JUNHO

Que lindo inverno, claro e tropical nos dá
Junho pleno de seiva, encharcado de sol,
Abrindo pela mata o sorriso lilá
Das labiatas à luz do mais róseo arrebol.

Um hálito de frio enche toda a atmosfera,
A transparência da água e a espessura dos soitos...
Nos ramos, que verdor! Uma outra primavera
Faz decerto cantar os pássaros afoitos.

O céu até além límpido e azul se estira...
Depois que bebe o sol a bruma matutina,
Parece que um zimbório imenso de safira
Nos verdes capitéis das serras se reclina...

Dentro dos cafezais onde os maduros frutos
Como gotas de sangue estremecem nos ramos,
Riem alegremente entre as folhas ocultos
Bandos de sabiás e ledos gaturamos.

E num doce sossego em seu verde recanto
De floridos vergeis a aldeia se deleita,
Ouvindo de manhã a alegria do canto
Dos colonos que ao sol, mourejam na colheita...

JUNIO

¡Qué hermoso invierno claro y tropical nos da
Junio lleno de savia, empapado de sol,
Abriendo por el bosque la sonrisa lila
De las orquídeas a la luz del más rosado arrebol!

Un hálito de frío llena toda la atmósfera,
La transparencia del agua y la espesura de los sotos…
En las ramas, ¡qué verdor! Una otra primavera
Hace sin duda cantar los pájaros osados.

El cielo hasta allá limpio y azul se estira…
Después de que bebe el sol la bruma matutina,
Parece que un cimborio inmenso de zafiro
Sobre los verdes capiteles de las sierras se reclina...

Dentro de los cafetales donde los maduros frutos
Como gotas de sangre estremecen en las ramas,
Ríen alegremente entre las hojas ocultos
Bandadas de zorzales y felices gaturamos.

Y un dulce sosiego en su verde rincón
De floridos huertos la aldea se alegra,
Escuchando por la mañana la alegría del canto
De los colonos que al sol, se esfuerzan en la siega…

MANHÃ DE SOL

O primeiro fulgor, róseo do dia
Doura o oriente, porém, ainda flutua
Um resquício de treva fugidia
Na altura azul onde desmaia a lua.

Apaga-se no céu a pedraria
Dos astros ao clarão que se acentua...
Acordam logo os ninhos... e a alegria
Dos pássaros nos ares tumultua...

A floresta desperta num bocejo,
Sacode os ramos e ao primeiro beijo,
Da luz se agita, lúbrica e pagã...

Numa eclosão violenta de luxuria
Desde a raiz à fronde, à flor purpúrea,
Toda se expande ao sol desta manhã.

MAÑANA DE SOL

El primer fulgor, rosado del día
Dora el oriente, pero, aún fluctúa
Un vestigio de oscuridad huidiza
En la altura azul donde desmaya la luna.

Se apaga en el cielo la pedrería
De los astros delante la claridad que se acentúa...
Pronto despiertan los nidos... y la alegría
De los pájaros en el alto tumultúa...

El bosque se despierta con un bostezo,
Sacude las ramas y delante del primer beso,
De la luz se agita, lujurioso y pagano...

En una explosión violenta de lujuria
Desde la raíz hasta la copa, a la flor púrpura,
Todo se expande al sol de esta mañana.

DIA NUBLADO

Agosto. Rubro, o sol, no plúmbeo céu
Parece enfermo de uma febre ardente...
E o fumo das queimadas qual um véu
Envolve a paisagem tristemente.

De quando em quando fulge um lumaréu
Na lombada de um monte... Molemente
O rolo da fumaça dança ao léu
Na placidez pesada do ambiente.

Estranha angústia em tudo... E quando o dia
Morre, não traz um refrigério a treva,
É a mesma ânsia... a mesma letargia...

E pouco a pouco a lua no ar se eleva,
Vermelha, sem fulgor, como um balão,
Fugido de uma noite de S. João...

DÍA NUBLADO

Agosto. Rubro, el sol, en el plúmbeo cielo
Parece enfermo de una fiebre ardiente...
Y el humo de las quemadas cual un velo
Envuelve el paisaje tristemente.

De cuando en cuando una lumbre brilla
En la loma de un monte... lánguidamente
El rollo del humo al acaso baila
En la placidez pesada del ambiente.

Extraña angustia en todo... Y cuando el día
Muere, no trae un alivio la tiniebla.
Es la misma ansia... la misma letargia...

Y poco a poco la luna en el aire se eleva,
Roja, sin fulgor, como un globo,
Huído en una noche de San Juan...

SOL E CHUVA

Chove... mas nada tão lindo
Como esta franja dourada
Que rebole ao sol, caindo,
Sobre a terra iluminada!

Qual se na chuva estrelada
Viessem os astros fugindo,
Na mata toda orvalhada
De luz – que fulgor infindo!

Cessa a chuva... refrescado,
O céu sorri mais contente
Lá no azul que recupera...

E corta-o um arco irisado
Aberto triunfalmente
À entrada da Primavera...

SOL Y LLUVIA

Llueve... pero nada tan lindo
Como esta franja dorada
Que gira al sol, cayendo,
Sobre la tierra alumbrada!

Como si en la lluvia estrellada
Vinieran los astros huyendo,
En la floresta rociada
De luz – ¡qué fulgor inmenso!

Cesa la lluvia... refrescado,
El cielo sonreí más contento
Allá en el azul que recupera...

Y le corta un arco irisado
Abierto triunfalmente
A la entrada de la Primavera...

ÂNGELUS

Negro sombreiro a noite já descerra...
Ave-maria!... Um sino salmodia...
De quebrada em quebrada: ave-maria!
Repete soluçando a alma da terra.

Sobre as várzeas em flor suave aroma erra...
Embalsamando essa hora fugidia,
De misticismo... sonho... nostalgia...
Em que a alegria, o coração desterra.

Tudo se aquieta... Há um ciciar de prece
Na voz do vento... O céu se abre em grinaldas
De astros e a papa-ceia resplandece...

A asa da treva, entanto, envolve os campos.
E em procissões de vivas esmeraldas
Bailam dentro da noite os pirilampos!

ÁNGELUS

-Negro sombrero la noche ya exibe…
Ave-maría!... Una campana salmodía...
De repicar en repicar: ave-maría!
Repite sollozando el alma de la tierra.

Sobre las campiñas en flor suave aroma erra...
Embalsamando esa hora efímera
De misticismo... sueño... nostalgia ...
En que la alegría, el corazón destierra.

Todo se aquieta... Hay un cecear de preces
En la voz del viento... El cielo se abre en guirnaldas
De astros y Venus resplandece...

El ala de la tiniebla, no obstante, envuelve los campos.
Y en procesiones de vivas esmeraldas
Bailan dentro de la noche los gusanos!

LUA DOS TRISTES

Ó lua, ó pálida cativa
Destes azuis castelos de ar,
Que é que te faz tão pensativa,
Lua, no céu assim cismar?

Teu disco no alto já flutua
E vais subindo mais... subindo...
Que é que procuras, doce lua,
Pela amplidão do céu infindo?

Segues tão só, sem companhia...
Não tens amor – bem o adivinho –
Por isso és branca assim e fria
Lua viúva de carinho....

Buscas talvez um amavio
No ignoto fim que te conduz
És feiticeira... que doentio,
Que estranho filtro em tua luz!

É fumo de ópio que derramas
Nesse palor que tudo acalma...
Mas essas brancas, frias chamas,
Que desvarios geram na alma!

Tudo adormece ao teu clarão,
Da noite irmã, dona do céu,
Quando flutua na amplidão,
A luz do luar – teu claro véu...

Que fluido é esse com que banhas
De poesia, sonho, encantos,
A aldeia, os vales, as montanhas,
– Âmbula cheia de quebrantos?

LUNA DE LOS TRISTES

¡Oh! luna, ¡oh! pálida cautiva
De estos azules castillos de aire,
¿Qué es que te hace tan pensativa,
Luna, en el cielo a cismar?

Tu disco en lo alto ya fluctúa
Y vas subiendo más... subiendo...
¿Qué es lo que buscas, dulce luna,
Por la amplitud del infinito cielo?

Sigues tan sólo, sin compañía...
No tienes amor – ya lo adivino –
Por eso eres blanca así y fría
Luna viuda de cariño....

Buscas tal vez un hechizo
No ignoto fin que te conduce
Eres hechicera ... que enfermizo,
Que extraño filtro en tu luz!

Es humo de opio que derramas
En ese palor que todo calma...
Pero esas blancas, frías llamas,
¡Qué desvaríos generan en el alma!

Todo adormece a tu claridad,
De la noche hermana, dueña del cielo,
Cuando flotas en la inmensidad,
La luz de la luna – tu claro velo...

¿Qué fluido es ese con que bañas
De poesía, sueño, encantos,
La aldea, los vales, las montañas,
– Trotamundos llena de quebrantos?

É gelo em pó que o luar semeia
Murmura a flor entorpecida...
– Eu amo o sol, ó lua cheia,
Porque és assim fria, sem vida?

E antes que a rósea aurora aponte
Caminha a lua de cristal...
Caminha... e some no horizonte
Mas a ninguém diz o seu mal...

E sem que eu mais no céu aviste
Envolta em nuvens de cetim
Essa visão da lua triste,
É sem querer que penso em mim!

Es yelo en polvo que la luz de la luna siembra
Susurra la flor adormecida...
– Yo amo el sol, ó luna llena,
¿Por qué eres así fría, sin vida?

Y antes que la rósada alba aparezca
Camina la luna de cristal...
Camina... y desaparece en el horizonte
Pero a nadie dice su mal...

Y sin que yo más en el cielo aviste
Envuelta en nubes de seda
Esa visión de la luna triste,
¡Es sin querer que pienso en mí!

CIGARRAS

Setembro vai no fim... Entre as verdes balceiras
Numa canção suave e linda
As cigarras alvissareiras
Anunciam – soltando a voz à altura infinda –
À fonte, à brisa, à mata: A primavera é vinda!

Setembro vai no fim... E a chuva que a messe
Regou, no inverno sem cessar,
Lavou o céu que ora parece
Um manto úmido e azul estendido no ar,
Aberto à flava luz do sol para secar...

Exala-se da terra um hálito tão fresco!
A rama do vergel, viçosa,
É um vivo, móbil arabesco
Que a brisa com sutis carícias de amorosa
Oscula, derramando um perfume de rosa...

Chegou a primavera. E começa a canção
Das cigarras na ramaria...
E durante todo o verão
Esse canto suave ungido de poesia
Enche os campos em flor desde o romper do dia...

E enquanto fulge o sol com brilhos de ouro novo
No céu translúcido, lavado,
E em cada haste brota um renovo
E cobre todo o solo um tapiz matizado,
E abrem o róseo olhar os trevos no valado,

Elas gorjeiam sempre – eternas sonhadoras...
Sob a celestial umbela
Recorda o choro das mandoras
O hino que sua voz doce desenovela...
E vai assim fugindo a estação mais bela...

CIGARRAS

Septiembre llega a su fin... Entre el verde agreste
En una canción suave y linda
Las cigarras auspiciosas
Anuncian – soltando la voz a la altura infinda –
A la fuente, a la brisa, al bosque: ¡La primavera venida!

Septiembre llega a su fin... y la lluvia que la mies
Aspejó, en el inverno sin cesar,
Lavó el cielo que ahora parece
Un manto húmido y azul extendido en el aire,
Abierto a la dorada luz del sol para secar...

¡Se exhala de la tierra un hálito tan fresco!
La rama del vergel, lozana,
Es un vivo, móvil arabesco
Que la brisa con sutiless caricias de amorosa
Oscula, derramando un perfume de rosa...

Ha llegado la primavera. Y empieza la canción
De las cigarras todo el día…
Y durante todo el calor de la estación
Ese canto suave ungido de poesía
Llena los campos en flor desde el romper del día...

Y mientras fulge el sol con brillo de oro nuevo
En el cielo traslúcido, lavado,
Y en cada tallo brota un renuevo
Y cubre todo el suelo un tapiz matizado,
Y abren la rosada mirada los tréboles en el cercado,

Ellas gorjean siempre – eternas soñadoras...
Bajo la celestial pantalla
Recuerda el llanto de los laúd
El himno que su voz dulce desentraña…
Y así va huyendo la estación más bella...

Como vós, que cantais ao sol canicular
Cigarras, num tom suave, brando,
Também canto para enganar
A vida que assim vai, esquecida, passando:
– Rio, em cujo seio – eu – gota, vou rolando...

* * *

REVOLTA

Hei de esmagar-te, altivo coração,
Tigre que ruge dentro do meu peito,
Nesta sede de amor e de paixão
Em que se mostra sempre insatisfeito.

Há de vencer-te a voz da sã razão
Que te modera o ardor e a teu despeito
Faz-me ver que no mundo tudo é vão,
Que o prazer, qual a dor, é sem proveito...

Porque afinal, ó coração sedento,
Para que servem tuas vãs ternuras
Se não terás o Amor que tu procuras?

Sinto-te em mim qual um pesado fardo,
Uma flor espinhosa como o cardo...
Urna onde mora o mal que é meu tormento...

Como vosotros que cantais al sol canicular
Cigarras, en un tono suave, blando,
También canto para engañar
A la vida que así va, olvidada, pasando:
– Río, en cuyo seno – yo – gota, voy rodando...

* * *

REVUELTA

He de aplastarte, altivo corazón,
Tigre que ruge dentro de mi pecho,
En esta sed de amor y de pasión
En la que se muestra siempre insatisfecho.

Ha de vencerte la voz de la sana razón
Que te modera el ardor y a tu despecho
Me hace ver que en el mundo todo es vano,
Que el placer, como el dolor, es sin provecho...

¿Por qué al fin, oh corazón sediento,
Para qué sirven tus vanas ternuras
Si no tendrás el Amor que tu procuras?

Te siento en mí como un pesado fardo,
Una flor espinosa como el cardo...
Urna donde habita el mal que es mi tormento...

ORGULHO

...
Não sei se és um pecado que me ilude,
Fazendo-me seguir de fronte erguida,
Mas penso que tu és minha virtude,
Meu escudo, entre os males desta vida...

Orgulho de beleza, juventude,
De fausto ou de uma glória fementida?
Oh! Não, pois nada disso me delude...
Cousas que o tempo leva de vencida...

Sabeis do que me ufano? É da minha alma,
Que aos prazeres do mal, pisando escolhos,
Prefere sempre o bem, piedosa e calma...

Alma que é um sol radioso no meu ser,
Porque na luz dorida dos meus olhos,
É um reflexo de Deus a resplender!

ORGULLO

...
No sé si es un pecado que me ilude,
Haciéndome seguir de frente erguida,
Pero pienso que tú eres mi virtud,
Mi escudo, entre los males de esta vida...

¿Orgullo de belleza, juventud,
De fausto o de una gloria pérfida?
¡Oh! No, pues nada de eso me ilude...
Cosas que el tiempo lleva de vencidas...

¿Sabeis de qué me enorgullezco? Es de mi alma,
Que a los placeres del mal, pisando escollos,
Prefiere siempre el bien, piadosa y calma...

Alma que es un sol radioso en mi ser,
Porque en la luz dolorida de mis ojos,
¡Es un reflejo de Dios a resplandecer!

DOR SILENTE

Tem a expressão tranquila e mesta de um sol posto
Sobre um vale onde plange o sino de añoranza,
Esta tristeza atroz que me anuvia o rosto
E que todo o meu ser tão fundamente invade.

É triste o meu olhar como este céu de agosto
Enevoado a exprimir uma vaga ansiedade...
Nas pálpebras me pesa o chumbo de um desgosto
Profundo, sob um véu de vã serenidade...

Dentro em mim é gelada e escura a atmosfera
Nem prazeres nem luz neste tormento eterno,
Em que somente a mágoa é que em minha alma impera...

Em meus lábios, entanto, um sorriso persiste,
Como um raio de sol, descorado de inverno,
Tentando iluminar uma paisagem triste!

DOLOR SILENTE

Tiene la expresión tranquila y triste de un sol puesto
Sobre un valle donde suena la campana de añoranza,
Esta tristeza atroz que me anubia el rostro
Y que todo mi ser tan profundamente invade.

Es triste mi mirar como este cielo de agosto
Nublado a exprimir una vaga ansiedad...
En los párpados me pesa el plomo de un disgusto
Profundo, bajo un velo de vana serenidad...

Dentro de mí es helada y oscura la atmósfera
Ni placeres ni luz en este tormento eterno,
En el que solamente el dolor es que en mi alma impera...

En mis labios, sin embargo, una sonrisa persiste,
Como un rayo de sol, descolorido de invierno,
¡Intentando iluminar un paisaje triste!

CETICISMO

Já não creio no Amor... Qual um vergel queimado
Pela ardência do sol, secou meu coração...
Mas o pranto do céu fará virente o prado
E ai de mim! Não terei o orvalho da ilusão!

Mas quanta vez, ah! Quanta! Um pranto agoniado
Dos meus olhos correu ... quantas chorei em vão!
Sentindo-me morrer... e escutando a meu lado
A vida a gorjear a perpétua canção..

Depois veio a descrença ingente e dolorosa
É que bebi dessa água eterna da Verdade
Mais amarga que um pranto amargo de mulher.

E em meu seio esfolhou-se o amor qual uma rosa,
Deixando o desencanto, esse rir de piedade,
De tudo e de mim mesma – o riso de Voltaire!

ESCEPTICISMO

Ya no creo en el Amor... Como un vergel quemado
Por la ardencia del sol, secó mi corazón...
Pero el llanto del cielo hará verde el prado
¡Y ay de mí! No tendré el rocío de la ilusión!

Pero cuánta vez, ¡ah! ¡Cuánta! Un llanto agobiado
De mis ojos corrió... ¡Cuántas lloré en vano!
Sintiéndome morir... y escuchando a mi lado
La vida a gorjear la perpetua canción..

Después vino la incredulidad inmensa y dolorosa
Pues bebí de esa agua eterna de la Verdad
Más amarga que un llanto amargo de mujer.

Y en mi seno se extinguió el amor como una rosa,
Dejando el desencanto, esa risa de piedad,
De todo y de mí misma – ¡la risa de Voltaire!

EXALTAÇÃO DE DOENTE

Roxa de mágoas morre a tarde lentamente
Entre suspiros e ais...
E a alma da natureza, entristecida, sente
A tortura do adeus de quem não volta mais...

Que voz é essa que vai morrendo na devesa
E o coração nos fere?
É o canto da cigarra ou a voz da Tristeza
Rezando devagar um longo miserere?

Ah! Nessa hora em que a luz nos espaços sidéreos
Desmaia de agonia...
Em que tudo ressumbra arcanos e mistérios
Que triste é a solidão... sentir a alma vazia!

Quero esquecer oh! Sim, que em ti não creio, Amor,
Esquecer-me de tudo...
Para que sejas só, meu dono, meu senhor,
Feiticeiro de olhar macio de veludo...

Vem... já não sei se estou só... se a noite é que nasce
Ou o dia que morre...
Mas pouco importa a vida... a morte... a branca face
Da lua que entre a rama a fria luz escorre...

Que importa o canto acerbo da cigarra triste
Que chora no mangal?
Que importa a noite, a treva, o silêncio... se existe
Fulgindo dentro em mim o teu sol estival?

Meu amor, vem sentar-te aqui, junto de mim...
Mais do que a essência vaga,
Dormente, que ao redor trescala o alvo jasmim,
Do teu cabelo o aroma ardente me embriaga...

EXALTACIÓN DEL ENFERMO

Morada de penas la tarde lentamente
Entre suspiros y ayes...
Y el alma de la naturaleza, entristecida, siente
La tortura del adiós de quien no vuelve más...

¿Qué voz es esa que va muriendo en la dehesa
Y el corazón nos hiere?
¿Es el canto de la cigarra o la voz de la Tristeza
Rezando despacio un largo miserere?

¡Ah! En esa hora en que la luz en lo espacios etéros
Se desvanece de agonía...
En que todo resuena arcanos y misterios
¡Qué triste es la soledad... sentir el alma vacía!

¡Quiero olvidar ¡oh! Sí, que en ti no creo, Amor,
Olvidarme de todo...
Para que seas solo, mi dueño, mi señor,
Hechicero de mirada suave de velludo….

Ven... ya no sé si estoy sola... si la noche es la que nace
O el día que declina...
Pero poco importa la vida... la muerte... la blanca faz
De la luna que entre a rama la fría luz inclina.

¿Qué importa el canto áspero de la cigarra triste
Que llora en el manglar?
¿Qué importa la noche, la oscuridad, el silencio... si existe
Brillando dentro de mí sol estival?

Mi amor, ven sentarte aquí, cerca de mí...
Más que la esencia vaga,
Dormida, que alrededor exhala el albo jazmín,
De tu cabello el aroma ardiente me embriaga...

Já me havia esquecido – oh! Triste esquecimento –
Desse instante feliz,
Feito de sonho azul, de luz, de encantamento,

Em que o silêncio fala o que a boca não diz...
Que doce a solidão, tendo-se o Amor, ao lado,
Que bom estarmos sós..
A terra toda em flor, o céu todo estrelado
E entre o céu e a terra unicamente nós...

Que suave langor em meus nervos se aninha!
Talvez seja... talvez...
A carícia febril de tua mão na minha,
Que nos faça sonhar na mesma embriaguez...

Creio que tudo dorme... a lua no alto, a brisa
Dos bosques nos refolhos...
O teu carinho, Amor, também me narcotiza,
E teus beijos sutis fecham enfim meus olhos!...

Que importa que não creia em ti!
Quero o teu riso...
Pesa-me a solidão!
Mais tarde... pensarei que tive o paraíso
No sonho de uma noite ardente de verão!

Ya me había olvidado – ¡oh! Triste atolondramiento –
De ese instante feliz,
Hecho de sueño azul, de luz, de encantamiento,

En que el silencio dice lo que la boca no dice...
¡Qué dulce la soledad, cuando se tiene el Amor, al lado,
Qué bien cuando estamos solos..
La tierra toda en flor, el cielo todo estrellado
Y entre el cielo y la tierra únicamente nosotros...

¡Que suave languidez en mis niervos se anida!
Quizás sea... tal vez…
La caricia febril de tu mano en la mía,
Que nos haga soñar la misma embriaguez...

Creo que todo duerme... la luna en lo alto, la brisa
De los bosques en los cobijos…
Tu cariño, Amor, también me narcotiza,
Y tus besos sutiles cierran al fin mis ojos!...

¡Qué importa que no crea en ti!
Quiero tu risa...
¡Me pesa la soledad!
Más tarde... ¡pensaré que tuve el paraíso
En el sueño de una noche ardiente de verano!
. . .

BALADA AZUL

Vibra no ar desta sossegada
Manhã, enchendo-me o aposento
O lindo som desta balada
Que anda a vagar na asa do vento...
Tão doce voz, tão magoada
Faz-me sonhar, faz-me supor
Que uma sereia enamorada
Ao longe, canta a ária do amor...

Sobre a água verde debruçada
Com seu cantar tão doce e lento
A lavadeira apaixonada
Embala o rio sonolento...
E é tão suave a sua toada,
Que na devesa aberta em flor,
Cala-se, atenta, a passarada
Para a canção lhe ouvir, de amor...

A própria mata, extasiada,
Queda-se imóvel um momento,
Para escutar a voz de fada
Que enche a manhã de encantamento...
Ó lavadeira enamorada,
Quisera ter o teu candor,
E de ilusões toda bordada
Esta canção cantar, de amor...

Mal sabes quanto é torturada
A Vida e amargo o seu travor,
Que o coração – flor delicada,
De tanto amar, morre de amor!

BALADA AZUL

Vibra en el aire de esta sosegada
Mañana, llenándome la habitación
El hermoso sonido de esta balada
Que anda vagando en el ala del viento...
Tan dulce voz, tan herida conturbada
Me hace soñar, me hace suponer
Que una sirena enamorada
A lo lejos, canta el aria de amor...

Sobre el agua verde inclinada
Con su cantar tan Dulce y lento
La lavandera enamorada
Mece el río soñoliento...
Y es tan suave su tonada,
Que en la dehesa abierta en flor,
La pajarera se pone callada
Para escuchar su canción de amor...

La propia selva, extasiada,
Se quiebra inmóvil un momento,
Para escuchar la voz de hada
Que llena la mañana de encantamiento...
¡Oh! lavandera enamorada,
Quisiera tener tu candor,
Y de ilusiones toda bordada
Cantar esta canción, de amor...

Mal sabes cuánto es torturada
La Vida y amargo su amargor,
Que el corazón – flor delicada,
De tanto amar, muere de amor!

MIRAGENS

– No deserto. Arde o Sol num céu brônzeo, candente.
A vastidão é um mar de areia esbraseada...
Nem uma fronde. O ar queima.
E segue, lentamente,
A caravana para uma curva afastada.

Da miragem o encanto exsurge de repente:
Ao longe, uma Istambul em jaspe cinzelada...
Caminha a caravana... E a lua já nascente,
Diante dela o deserto, o deserto mais nada!

Essa miragem treda, és tu, Felicidade!
Visão que não se alcança e todo o bem encerra
Que sonhamos gozar em nossa ingenuidade...

Pairas sempre distante, intangível, êxul,
Mas deixas, por consolo, entre os homens na terra,
A risonha Esperança – a tua sombra azul!

ESPEJISMO

– En el desierto. Arde el Sol en un cielo bronceado, candente.
La vastedad es un mar de arena inflamada ...
Ni un follaje. El aire quema.
Y sigue, lentamente,
La caravana hacia una curva alejada..

Del espejismo el encanto surge de repente:
A lo lejos, una Estambul en jaspe tallada...
Camina la caravana... Y la luna ya naciente,
Delante de ella el desierto, el desierto y el más nada!

Ese espejismo falso, ¡eres tu, Felicidad!
Visión que no se alcanza y todo el bien encierra
Que soñamos disfrutar en nuestra ingenuidad...

Pairas siempre distante, intangible, exilada,
Pero dejas, por consuelo, entre los hombres en la tierra,
La risueña Esperanza – ¡tu sombra azulada!

IGREJA CAMPESINA

Pequena a Igreja, sem ornatos vãos,
Mas como esta pobreza se combina
À suave humildade dos cristãos!

E assim branca, singela e pequenina
Ressumbra a mais suave poesia:
Uma tristeza mística, divina,

Cuja doçura as almas alivia...
A Dor mais viva e atroz logo adormece
Ante este olhar tão santo de Maria...

Nesta paz que convida à cisma e à prece
Como a gente se sente bem – tão bem,
Que a própria vida o coração esquece...

As harmonias do órgão que retém
Nosso ouvido, nos fica a acalentar...
E este aroma de incenso e de cecém

Que nos fala do céu, nos faz sonhar...
Belos lírios de alvura imaculada
E boninas do campo aos pés do altar...

A lâmpada de prata aurilavrada
Ante o Sacrário envolto em denso véu,
Cintila qual estrela abençoada...

E a gente pensa, ao ver lá fora, ao léu
As pombas dos beirais, em revoada,
Em almas brancas voando para o céu!

IGLESIA CAMPESINA

Pequeña la Iglesia, sin adornos vanos,
¡Pero cómo esta pobreza se combina
Con la suave humildad de los cristianos!

Y así blanca, sencilla y pequeñica
Destila la más suave poesía:
Una tristeza divina, mística,

Cuya dulzura las almas alivia...
El Dolor más vivo y atroz pronto adormece
Ante esta mirada tan santa de María...

En esta paz que invita a la cisma y al ruego
Cómo la gente se siente bien – tan bien,
Que hasta la propia vida el corazón relega

Las armonías del órgano que retiene
Nuestro oído, nos queda acariciando...
Y este aroma de incienso y de azucena

Que nos habla del cielo, nos hace soñar...
Hermosos lirios de pureza inmaculada
Y campanillas del campo a los pies del altar...

La lámpara en plata dorada
Ante el Sagrario envuelto en denso velo,
Brilla como una estrella bien aventurada…

Y uno piensa, al ver allá afuera, tole-tole al viento
Las palomas de los aleros, en revoloteo,
¡En almas blancas volando para el firmamento!

AGONIA DAS ROSAS

– Densa neblina encobre o riso azul do céu
Com um álgido sopro o vento sem alarde,
Passa pelo jardim e retalhando o véu
Da bruma, pôs-se a encher de felpas esta tarde,
Que cai morta de spleen do sudário do céu...

Creio feitas de espuma ou de frocos de neve
Estas rosas assim descoradas de frio...
Débeis flores que estão tremendo no ar, de leve,
Com saudades do sol, da ardentia do estio,
Níveas rosas irmãs do alabastro e da neve...

Prepara o inverno um leito imenso de noivado,
De arminho e penas, fofo, acetinado, albente...
Mas ao dulçor letal do seu beijo gelado
As pobres noivas vão tombando tristemente,
Frias, sem vida, sobre o leito de noivado...

Em coxins de frouxel vão-se finando as rosas...
Caem pétalas – uma a uma – alvas e langues,
Mata-as o frio... e assim como as tuberculosas
Vão morrendo a sonhar, brancas, brancas exangues,
Num desmaio de amor, as deslumbrantes rosas...

Vão morrendo a sonhar... agonia de poetas
Que embora o olhar já morto ainda murmuram versos...
Um sussurro perpassa entre as aleias quietas:
São endechas talvez, são cânticos emersos

Dessas almas de flor que morrem como os poetas.
E eu vou morrer dizendo - ah! Tenho esta ilusão...
Estes poemas de amor, de ternura pagã.
Que sinto dentro em mim e a ninguém disse, oh! Não!

Porque é a ventura, eu sei: flor de uma só manhã,
E tu – meu grande Amor – somente uma ilusão!

AGONÍA DE LAS ROSAS

– Densa neblina cubre la risa azul del cielo
Con un helado aliento el viento sin alarde,
Pasa por el jardín y recortando el velo
De la bruma, empezó a llenar de felpas esta tarde,
Que cae muerta de ira del sudario del cielo...

Creo hechas de espuma o de copos de nieve
Estas rosas así descoloridas de frío...
Débiles flores que tiemblan en el aire, leve,
Con añoranza del sol, de la ardentía del estío,
Níveas rosas hermanas del alabastro y de la nieve...

Prepara el invierno un lecho inmenso nupcial,
De armiño y plumas, fofo, suave, blanquecino…
Pero al dulzor letal de su beso gracial
Las pobres novias van cayendo apenas mohino,
Frías, sin vida, sobre el lecho nupcial..

En cojines de pelusa se van marchitando las rosas...
Caen pétalos – uno a uno – albos y lánguidos,
Los mata el frío... y así como las tuberculosas
Van muriendo a soñar, blancas, blancas exangües,
En un desmayo de amor, las deslumbrantes rosas...

Van muriendo soñando... agonía de poetas
Que aunque la mirada ya muerta aún murmuran versos...
Un susurro atraviesa las quietas alamedas quietas
Son endechas tal vez, son cánticos dispersos

De esas almas de flor que mueren como los poetas.
Y yo voy muriendo diciendo - ¡ah! Tengo esta ilusión...
Estos poemas de amor, de ternura pagana.
Que siento dentro de mi y a ninguno dice, ¡oh! ¡No!

Porque es la fortuna, yo sé: flor de una solo mañana,
Y tú – mi gran Amor – solamente ¡una ilusión!

BALADA TRISTE

Vejo cair a chuva neste fim de outono.
Num longo choro as folhas contam sua mágoa...
E em cousas tristes penso – os olhos rasos de água:
Um desengano... uma saudade... um abandono...

O tédio entorna agora um hálito de sono
Na languidez da tarde toda dor e frágua...
E faz-me triste assim – os olhos rasos de água
Talvez pensando... uma saudade... um abandono...

A sombra escorre do arvoredo quedo e prono...
A noite cresce... Solidão... Tristeza... A mágoa
Do desengano... da saudade... do abandono...
Que suavemente vem-me encher os olhos de água,
Dói muito mais, num dia assim, num fim de outono!

BALADA TRISTE

Veo caer la lluvia en este fin de otoño.
En un largo llanto las hojas cuentan su aflición...
Y en cosas tristes pienso – los ojos anegados en agua
Un desengaño... una nostalgia... un abandono...

El tedio ahora derrama un hálito de sueño
En la languidez de la tarde todo dolor y angustia...
Y me hace triste así – los ojos anegados en agua
Tal vez pensando... una añoranza... un abandono...

La sombra escurre del arboledo inmóvil e inclinado…
La noche crece... Soledad... Tristeza... La aflición
Del desengaño... de la nostalgia... del abandono...
Que suavemente me viene a llenar los ojos de agua,
Duele mucho más, en un día así, en un fin de otoño!

O CARRO DE BOIS

À crua luz de um céu de fevereiro
Num ruído seco pela estrada afora.
Segue o carro de bois... Purpúrea aurora
Tinge o campo e a figura do carreiro...

Vazio como está, corre ligeiro...
Num ruído seco pela estrada afora,
Rumo do vasto milharal que arvora
Espigas de ouro sob o nevoeiro...

De volta, carregado, vem moroso,
Cantando ao louro sol num grande gozo,
A farta messe desse São-Miguel...

A alegria que sente não encobre,
Porque terá fartura o lar do pobre,
De vinho do ribeiro, pão e mel!

EL CARRO DE BUEYES

A la cruda luz de un cielo de febrero
Con un ruido seco a lo largo del sendero.
 Sigue el carro de buyes... Purpúrea aurora
Tiñe el campo y la figura del carretero...

Vacío como está, corre apresurado…
Con un ruido seco a lo largo del camino,
Rumbo al vasto maizal que ostenta
Espigas de oro bajo la bruma…

De vuelta, cargado, viene moroso.
Cantando al dorado sol con gran gozo,
La abundante mes de ese San-Miguel...

La alegría que siente no lo encubre,
Porque habrá abundancia en el hogar del pobre,
¡De vino del arroyo, pan y miel!

A UMA ÁRVORE

Todos os anos nesta quadra, vejo
Abrir-se tua fronde em flores mil,
E à áurea trama da luz, num leve arquejo,
Linda, palpitas sob o céu de anil.

O teu rubro frescor atrai o beijo
Da abelha e da libélula gazil...
E em tua rama um eternal festejo
De amor, sorri, por entre os sóis de abril.

E enquanto moves, langue, à aragem calma,
Num gesto de faceira, a ramaria,
Eu penso cheia de melancolia,

Ó árvore, que tens a primavera,
Assim, todos os anos, quem me dera
De novas ilusões vestir minha alma!

A UN ÁRBOL

Todos los años en esta parcela, veo
Abrirse tu copa en flores mil,
Y a la áurea trama de la luz, con un leve jardeo,
Bella, palpitas bajo el cielo de añil.

Tu rubro frescor atrae es beso
De la abeja y da libélula gentil...
Y en tu rama un eternal festejo
De amor, sonríe, por entre los soles de abril.

Y mientras te meces, lánguida, con la brisa calma,
En un gesto coqueto, la ramaje,
Yo pienso llena de melancolía,

¡Oh árbol, que tienes la primavera,
Así, todos los años, quisiera
De nuevas ilusiones vestir mi alma!

O RIBEIRÃO

No verdor da paisagem qual um trilho
De prata luzidia,
Desliza o ribeirão que noite e dia
Canta o mesmo estribilho

A rolar, sem descanso as águas puras,
Através destes montes de verduras
Mas em caminho, às vezes, encontrando
Uma verde campina,
Num liso espelho alarga a face fina,
E dorme enquanto o bando

Dos sonolentos bois vagam em torno,
Nas pastagens queimadas do bochorno...

Quer nos dias de forte veranico,
Ou de azul primavera
Os rebanhos tranquilos abebera,
E o voo do maçarico

Retrata ou da garça que de tarde
Na ribanceira espia o poente que arde

O bando grasnador das irerês
Quando as caniculares
Horas do estio chegam, deixa os ares,
E à sombra dos ipês.

Vem no frescor de suas águas rasas,
Molhar as penas, refrescar as asas...

Nas noites em que a lua desenrola
No espaço o álgido lume,
O ribeirão num módulo queixume
Acompanha a viola

EL ARROYO

En el verdor del paisaje como una vía
De plata pulida,
Se desliza el arroyo que noche y día
Canta el mismo estribillo

Rolando, sin descanso las aguas puras,
A través de estos montes de verduras
Pero en el camino, a veces, encontrando
Una verde campiña,
En un liso espejo amplía su expresión fina,
Y duerme mientras algunos

De los somnolientos bueyes deambulan alrededor,
En los pastos quemados por el calor…

Sea en días de fuerte bochorno,
O de azul primavera
Los rebanhos tranquilos su sed sacian,
Y el vuelo del tringa

Retrata o de la garza que de tarde
En el barranco observa el poniente que arde

La bandada raznadora de las irerés
Cuando las caniculares
Horas del estío llegan, deja los ares,
Y a la sombra de los ipés.

Viene en el frescor de sus aguas rasas,
Mojar las plumas, refrescar las alas...

En las noches en que la luna desenrolla
En el espacio el álgido lume,
El arroyuelo en uns móduls lamento
Acompaña la viola

Em que descanta o amor bravio o enguiço,
Nos terreiros das choças o mestiço...

De manhã, quando têm da alva o frescor
As águas de turquesa,
Busca as margens do riacho a camponesa
Sadia, carne em flor...

É o momento do banho matinal,
As aves cantam pelo matagal...

E uma ninfa aparece entre o arvoredo
Em um doce abandono,
Nua e rósea do calor do sono...
Mas espiando com medo

Entre os cipós, vai ocultar, medrosa,
No seio da água as formas cor de rosa...

E o ribeirão lá segue sem nenhuma
Detença... e desbarata
Estorvos despenhando-se em cascata,
A abrir flores de espuma,

Em que fuzilam arcos furta-cores
Sob os raios do sol, abrasadores...

E eterno viajor pelos caminhos
Faz mover as moendas
Dos antigos engenhos das fazendas,
Gira velhos moinhos,

E depois qual humilde, estreito fio
Vai morrer na corrente de outro rio...

En que descanta el amor bravío el enredijo,
En los patios de las chozas el mestizo...

Por la mañana, cuando hay del alba el frescor
Las aguas de turquesa,
Busca las orillas del Arroyo la campesina
Sana, carne en flor...

Es el momento del baño matinal,
Las aves cantan entre el matorral

Y una ninfa aparece entre los arboledos
En un dulce abandono,
Desnuda y rosada por el calor del sueño...
Pero espiando con miedo

Entre las lianas, va a ocultar, temerosa
En el seno del agua las formas color de rosa...

Y el riachuelo sigue sin ninguna
Detención... y derrota
Obstáculos cayendo en cascada,
Abriendo flores de espuma,

En que disparan arcos multicolores
Bajo los rayos del sol, abrasadores...

Y eterno viajero por los caminos
Hace mover los molinos
De los antiguos ingenios de las fincas haciendas,
Gira viejos molinos,

Y después como un humilde, estrecho hilo
Va a morir en la corriente de otro río...

À BEIRA DA MATA

Que suave frescor
Nesta relva tão fina... e quanto é doce
A sombra desta rama... e estas amoras
Nos galhos ainda em flor...
E este céu qual se fosse
De tão azul, pintado há poucas horas...

Somente o guizo de ouro
Dos insetos, tinindo de alegria
Na orça fresca do bosque se desata...
O sol tépido e louro
Furando a ramaria,
Cobre o chão de arabescos cor de prata...

Esse ruído de prece
Acompanha o rumor de leve escala
Na garganta da rola arisca e lesta...
Dum ninho que estremece,
Duma ave que tatala
A asa, na sombra verde da floresta...

Pendem entre as ramadas
Cardos rubros do sangue deste outono,
Áureos maracujás cujo frescor
Entre as folhas molhadas
Lembra mato sem dono,
Terra seivosa, de rincão em flor...

Quase que não se agita
A fonte e tanta calma aqui se espelha,
Que ela dorme por fim entre a verdura...
No alto, uma parasita
Canta uma ária vermelha
No sorriso do sol que a transfigura

AL BORDE DEL BOSQUE

¡Qué suave frescor
En este céspede tan fino... y qué dulce
La sombra de esta rama... y estas moras
        En las ramas aún en flor...!
        Y este cielo como si fuese
De tan azul, pintado hace pocas horas...

Solamente el cascabel dorado
De los insectos, tintineando de alegría
En la orza fresca del bosque se desata...
        El sol tibio y dorado
        Penetrando en las vías
Cubre el suelo de arabescos color de plata...

Ese ruido de la plegaría
Acompaña el murmullo de leve escala
En la garganta de la tórtola asustadiza y lista...
        De un nido que se estremece,
        De un ave que rumorea susurra
El ala, a la sombra verde de la floresta...

Penden entre las enramadas
Cardos rubros de sangre de este otoño,
Áureos maracuyás cuyo frescor
        Entre las hojas mojadas
        Recuerda parcela sin dueño,
Tierra saviosa, de rincón en flor...

Casi que no se agita
La fuente y tanta calma aquí se refleja,
Que por fin duerme entre la verdura...
        Arriba, una parasita
        Canta un aria bermeja
En la sonrisa del sol que la transfigura

Suave alegria emana
Do matagal que bole a espessa França
Estuando de rica clorofila...
        Doce cheiro de cana
        Pela agreste retrança
A viração que vem de longe instila...

E aqui fico horas longas,
Sentindo a unção que a Natureza entorna
Em mim, até que me desperte, rente,
        A voz das arapongas,
        Martelando a bigorna
Da tarde, toda em fogo, no poente...

Suave alegría emana
Del matorral que agita la espesa copa
Hirbiendo de rica clorofila...
Dulce olor de caña
Por el enredado agreste enredado
La brisa que viene de lejos destila...

Y aquí me quedo horas largas,
Sintiendo la unción que la Naturaleza derrama
En mí, hasta que me despierte, junto,
La voz de las arapongas,
Martillando el yunque
De la tarde, toda en fuego, en el ocaso...

SUAVE CANTIGA

As árias de minha avena
Pelas tardes sossegadas,
Nas asas da aura serena,
Falam por entre as ramadas:

"Diz velha sabedoria
Que o homem nasce para a Dor,
Tudo o mais só dura um dia,
Como a existência da flor.

Tão miúda a Felicidade
É, que a não podemos ver...
Fiapos da realidade,
Que se goza sem saber...

Pelos mistérios da Vida
Que a mão de Deus ocultou,
Consome-se em triste lida,
O homem que Deus criou.

Leva a vida simples, bela:
O amor, o trabalho, a paz...
É sempre a flor mais singela
A que mais aromas traz...

Da Natureza, pois torna
O que te dá generosa:
Do fruto o sabor, o aroma
E a formosura da rosa.

Goza a esplêndida visão
Da terra que além se perde...
Vê como é belo ao clarão
Do sol, o mar calmo e verde...

SUAVE CÁNTICO

Las arias de mi avena
Por las tardes despejadas,
En las alas del aura serena,
Hablan por entre las ramadas:

"Dice la vieja sabiduría
Que el hombre nace para el Dolor,
Todo lo demás sólo dura un día,
Como la existencia de la flor.

Tan pequeña es la Felicidad
que no la podemos ver...
Hilos de la realidad,
Que se disfrutan sin saber...

Por los misterios de la Vida
Que la mano de Dios ocultó,
Se consume en tarea afligida,
El hombre que Dios creó.

Lleva la vida sencilla, bella:
El amor, el trabajo, la paz...
Siempre es la flor más llana
La que más aromas trae...

De la Naturaleza, pues retorna
Lo que te da generosa:
Del fruto el sabor, el aroma
Y la hermosura de la rosa.

Goza la espléndida visión
De la tierra que más allá se pierde...
Mira como es bello a la irradiación
Del sol, el mar calmo y verde...

Transforma num sonho brando,
O teu riso... o teu pesar...
Segue para o fim cantando
Como a fonte para o mar..."

Minha frauta nestas plagas,
À hora em que a tarde declina,
Diz cousas suaves e vagas,
Como a fronte cristalina...

Transforma en un sueño blando,
Tu risa... tu pesar...
Sigue para el fin cantando
Como la fuente para el mar...”

Mi flauta por aquí
A la hora en que la tarde declina,
Dice cosas suaves e imprecisas vacias
Como la frente cristalina...

editora CALÊNDULA
www.editoracalendula.com.br
editora@editoracalendula.com.br
(11) 94322-4207
(41) 98435-8819
(27) 99722-3034
(61) 98260-9396
@editoracalendula

Impresso em março de 2026, em papel pólen bold 90g/m², fonte Minion Pro 11/13, em São Paulo, SP.